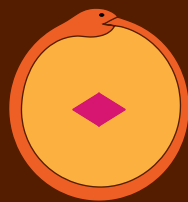
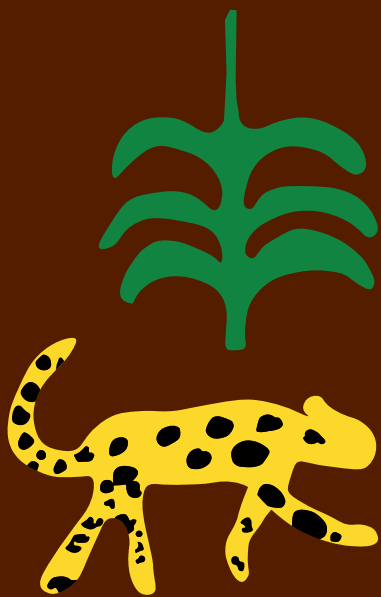




VIVE VIVE L'ÉCOLE VIVANTE



cahiers
SELVAGEM

VIVE VIVE L'ÉCOLE VIVANTE

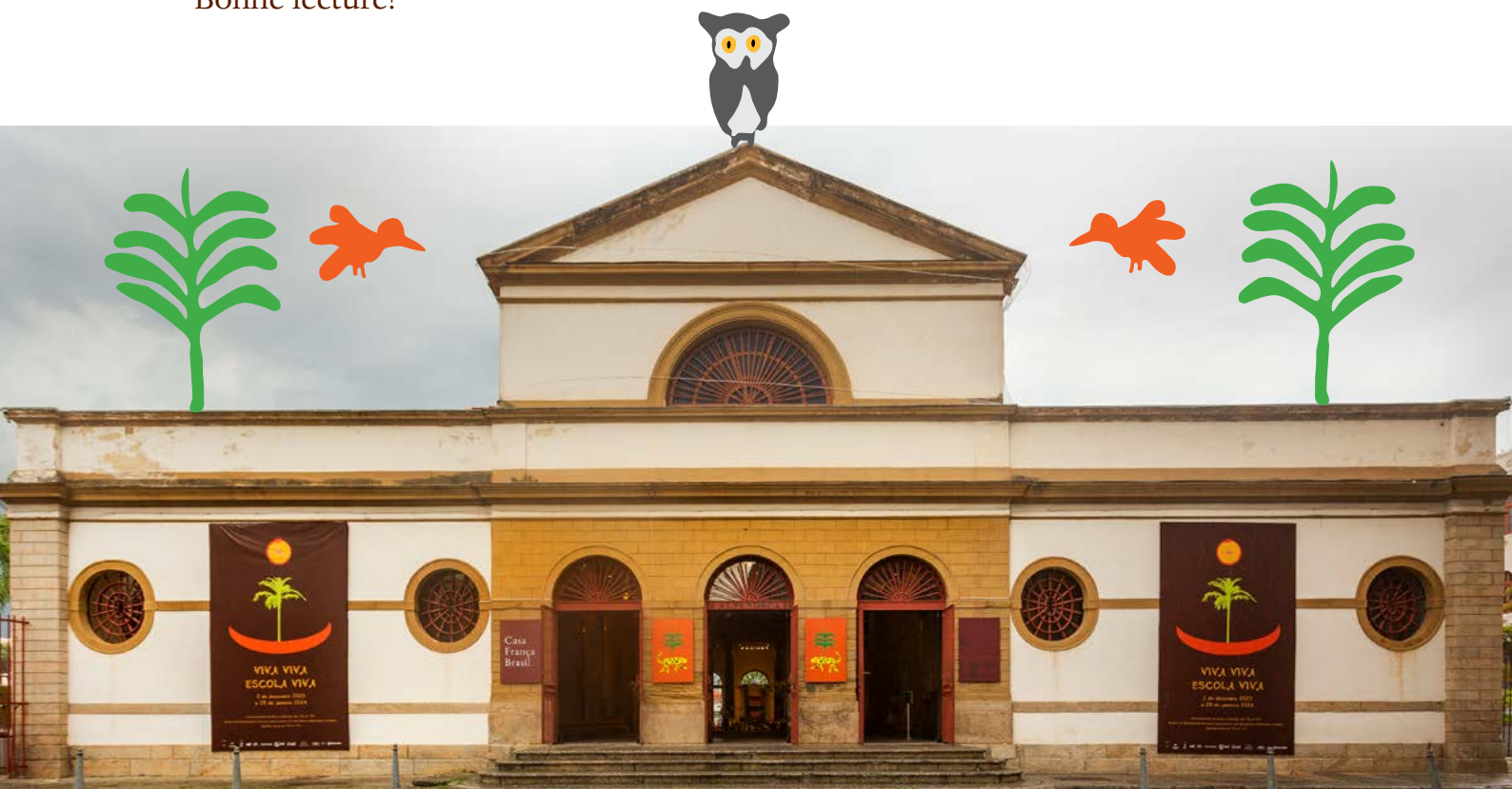
Entre le 2 décembre 2023 et le 28 janvier 2024, Selvagem – cycle d'études sur la vie a célébré les ESCOLAS VIVAS [Écoles Vivantes] avec une grande exposition d'arts et de médecine traditionnelle dans la Casa França-Brasil, située dans la centre de Rio de Janeiro. VIVA VIVA ESCOLA VIVA a reçu, en moins de 2 mois, 19 530 visiteurs.

L'exposition a également accueilli le premier grand rassemblement, sous la médiation CRISTINE TAKUÁ, des représentants (artistes, enseignants, *pajés* [chamans] et maîtres) des 4 centres de transmission des savoirs traditionnels qui constituent le projet ESCOLAS VIVAS, des peuples MAXAKALI, HUMI KUI, TUKANO-DESSANO-TUYUKA et GUARANI – et y compris la participation de la nouvelle ÉCOLE VIVANTE BANIWA, qui sera créée en 2024.

Avec le travail curatorial de CRIS TAKUÁ, plus de 100 œuvres ont été exposées, dont des peintures et dessins MAXAKALI, des aquarelles BANIWA, un panneau de perles et un tissu d'enseignant HUMI KUI, de la vannerie, des animaux en bois et une cartographie de NHE'ÉRY – une grande carte de la Mata Atlântica [forêt tropicale atlantique] peinte par de jeunes artistes GUARANI –, un tableau d'AILTON KRENAK et une pharmacie amazonienne vivante organisée par le Centre de Médecine BAHSERIKOWI, avec des préparations médicinales des peuples amazoniens.

Ici, outre les textes et les oeuvres de l'exposition, sont inclus des liens vers d'autres matériaux produits dans le cadre de la collaboration entre Selvagem et les ÉCOLES VIVANTES.

Bonne lecture!



18 ALFANDEGA 52





SELVAGEM E AS ESCOLAS VIVAS

As ESCOLAS VIVAS são projetos indígenas de fortalecimento e transmissão de saberes tradicionais.

Atualmente, 4 centros realizam essas ativações em seus próprios territórios, enquanto se reúnem no movimento comum de se reconhecerem como escolas vivas.

Celebramos também a chegada de um novo centro, o Baniwa.

O movimento ESCOLAS VIVAS é coordenado por Cristine Taxuá, educadora, mãe, parteira, pensadora Maxakali que habita, junto a seu companheiro, Carlos Papá Porã Mirim, e seus filhos, Kauê e Djeguaká, a Terra Indígena Rio Silveira, do Povo Guarani-Mbya.

Ela mantém vivo o diálogo com cada centro e compartilha, em relatórios trimestrais, suas vivências.

Nosso apoio às ESCOLAS VIVAS
é expressão de nossa gratidão.

A origem do SELVAGEM se deve à experiência de trabalho e articulações com a imensa sabedoria dos povos indígenas. Desde 2022, nos envolvemos com a manutenção financeira desses 4 centros, captando os recursos que garantem aportes mensais regulares para cada projeto. A ação conta com o apoio da Saúva, uma associação sem fins lucrativos, que recebe e encaminha às ESCOLAS VIVAS todas as doações realizadas por pessoas físicas e instituições.

No SELVAGEM, cultivamos estudos e atividades através de uma rede colaborativa que conecta vozes, entrelaça conhecimentos e expande os movimentos do ciclo de estudos. Atualmente, essa teia, que chamamos de Comunidade, ramifica-se em 6 grupos de trabalho.

VIVA VIVA ESCOLA VIVA conta com a realização do SELVAGEM, junto aos grupos de sua comunidade.

O Grupo Crianças ocupa um lugar especial na exposição. Um espaço, coordenado por Verônica Pinheiro, que chamamos de Maloca das Crianças.

O Grupo Produção se faz presente com a equipe de mediadores, que estará aqui durante toda a temporada, traçando percursos e diálogos com o público.

A existência de VIVA VIVA ESCOLA VIVA se deve à maravilhosa confiança de uma gama de apoiadores.

A eles, o nosso agradecimento!

Acreditamos que a abundância é mais bela
quando compartilhada.

Acreditamos na colaboração.

FAÇA SUA DOAÇÃO AQUI



ESCOLAS VIVAS
recebem
e se fortalecem



SELVAGEM
agradece



SELVAGEM ET LES ÉCOLES VIVANTES

Les ÉCOLES VIVANTES sont des projets indigènes de renforcement et de transmission de savoirs traditionnels.

Actuellement, 4 centres mènent ces actions sur leurs propres territoires, tout en se regroupant dans un mouvement de reconnaissance commune en tant qu'écoles vivantes.

Nous nous réjouissons également de l'arrivée d'un nouveau centre, le centre BANUWA.

Le mouvement ÉCOLES VIVANTES est coordonné par CRISTINE TAKUÁ, éducatrice, mère, sage-femme, penseuse MAXAKALI qui vit, avec son compagnon, CARLOS PAPÁ, et leurs enfants, KAUE et DJEGUAKA, dans la Terre Indigène Rio Silveira, du peuple GUARAMI-MBUA.

Elle entretient un dialogue avec chacun des centres et partage les expériences qu'elle en tire dans des rapports trimestriels.

**Notre soutien aux ÉCOLES VIVANTES
est l'expression de notre gratitude.**

L'origine même de Selvagem a été rendue possible par l'expérience de travail et les articulations faites avec la très grande sagesse des peuples indigènes. Depuis 2022, nous nous impliquons donc dans le maintien financier de ces 4 centres, en récoltant les fonds

qui garantissent des ressources mensuelles régulières pour chaque projet. L'action est soutenue par Saúva, une association à but non lucratif, qui reçoit et transmet aux ÉCOLES VIVANTES tous les dons des particuliers et des institutions.

Au sein de SELVAGEM, nous encourageons études et activités à travers un réseau collaboratif qui relie les voix, entrelace les connaissances et élargit les mouvements du cycle d'études. Actuellement, ce réseau, que nous appelons Communauté, se divise en 6 groupes de travail.

VIVA VIVA ESCOLA VIVA est réalisé par Selvagem, en collaboration avec les groupes de sa communauté.

Le Groupe Enfants occupe une place particulière dans l'exposition. Un espace coordonné par Veronica Pinheiro, que nous avons appelé *Maloca¹ das Crianças* [Maloca des Enfants].

Le Groupe Production, via l'équipe de médiateurs, a été présent sur toute la durée de l'exposition, traçant parcours et dialogues avec le public.

L'existence de VIVA VIVA ESCOLA VIVA est rendue possible par la merveilleuse confiance de tous ceux qui nous soutiennent.

À eux vont nos remerciements!

**Nous croyons que l'abondance est plus belle
lorsqu'elle est partagée.
Nous croyons en la collaboration.**



AS ESCOLAS VIVAS E OS TEMPOS DE TRANSFORMAÇÃO

TEMPO DO DESPERTAR
TEMPO DO RESPIRO
TEMPO DA ABUNDÂNCIA
TEMPO DAS MEMÓRIAS VIVAS E ATIVAS

O sonho de acordar as memórias e fortalecer os territórios passa por camadas muito sensíveis e desafiadoras de uma caminhada que trilhamos junto ao SELVAGEM, grande semeador de pensamentos. Esses passos conjuntos propõem uma alternativa à monocultura mental que ainda paira em muitas cabeças.

Através do diálogo com o tempo, entendemos os códigos que nos rodeiam. Alcançamos direções e percepções de tecnologias ancestrais que nos foram capturadas pelo enquadramento das formas de transmissão de saberes que habitam as escolas não vivas. O tempo nos reconecta com o ancestral, pois ele pode fazer desabrochar os conhecimentos que foram adormecidos e que outros tentaram apagar.

Ouvir, sentir, dialogar e respeitar
o tempo que transforma e cura.

O primeiro momento das ESCOLAS VIVAS foi o TEMPO DO DESPERTAR, em que a maioria dos projetos se viu na situação de organizar, estruturar e buscar maneiras de enfrentar as muitas dificuldades consequentes de toda a colonização e da recente crise provocada por ações genocidas do governo passado.

O segundo momento, que estamos vivendo agora, é o TEMPO DO RESPIRO. Após um ano de apoio, foi possível entender que os caminhos vão se abrindo quando focamos e nos concentramos em ações coletivas, trazendo entendimento sobre os passos que estão sendo dados. O respiro vem da sensação de acolhimento e da percepção de que é possível transformar nossas ações com base em cada realidade vivida.

Não estamos sozinhos.

Somos um coletivo que busca transformar a relação do ensinar-aprender, a relação do que é realmente necessário na troca constante de saberes que são ancestrais, mas que, por uma arrogância colonial e epistemológica, foram desfigurados em uma escola clássica e quadrada. O respiro vem da possibilidade de ouvir e sonhar histórias e transformá-las em arte junto a crianças, jovens e anciãos. A arte das ESCOLAS VIVAS não é arte-mercadoria, mas arte-pensamento, arte-sonho e arte-ação para o fortalecimento das vidas de cada cultura que está fazendo parte desse trabalho colaborativo.

A exposição VIVA VIVA ESCOLA VIVA comunica ao mundo a existência da resistência na forma de transmissão de saberes. Através do encontro com cada um dos coordenadores das ESCOLAS VIVAS, será possível que cada espaço-território compartilhe suas experiências e desafios, e assim, juntos, se fortaleçam. A cura da terra, a força dos cantos, as memórias de seres que já não vivem mais, como as árvores grandes das regiões de Minas Gerais, a oralidade das muitas narrativas sobre os seres espíritos, guardiões de tudo que habita na Terra, o respeito às medicinas tradicionais, a preservação do caminho do bem viver para viver em equilíbrio. Esses são os muitos sonhos que cada integrante das ESCOLAS VIVAS anseia.

Essa exposição traz o eco da força ancestral
que habita as muitas formas
de transmitir conhecimento.

A medida que cada representante e suas comunidades se reconheçam como ESCOLAS VIVAS ativas, chegaremos ao TEMPO DA ABUNDÂNCIA. Nele, cada coletivo transformará seu território e fará com que os sonhos sejam a realidade.

E, seguindo o futuro das ESCOLAS VIVAS, sonhamos viver o TEMPO DAS MEMÓRIAS VIVAS E ATIVAS, em um fluxo constante de trocas e sensíveis interações com todas as formas de vida.

Cristine Taxuá

LES ÉCOLES VIVANTES ET LES TEMPS DE LA TRANSFORMATION

par Cristine Takuá

Temps de l'éveil
Temps de la respiration
Temps de l'abondance
Temps des mémoires vivantes et actives

Le rêve d'éveiller les mémoires et de fortifier les territoires passe par des couches très sensibles et stimulantes d'un voyage que nous effectuons avec Selvagem, grand semeur de pensées. Ces chemins que nous empruntons ensemble proposent une alternative à la monoculture mentale qui plane encore au-dessus de nombreuses têtes.

En dialoguant avec le temps, nous comprenons les codes qui nous entourent. Nous accédons à des directions et des perceptions propres aux technologies ancestrales qui nous ont été dérobées du fait de l'encadrement des formes de transmission des connaissances qui peuplent les écoles non vivantes. Le temps nous reconnecte à nos ancêtres, car il peut mettre au jour les savoirs endormis que d'autres ont tenté d'effacer.

**Écouter, sentir, dialoguer et respecter
le temps qui transforme et guérit.**

Le premier moment des ÉCOLES VIVANTES a été le **Temps de l'éveil**, au cours duquel la plupart des projets ont dû s'organiser, se structurer et chercher des façons de faire face aux nombreuses difficultés résultant de la colonisation dans son ensemble et de la récente crise provoquée par les actions génocidaires du précédent gouvernement.

Le deuxième moment, que nous vivons actuellement, est le **Temps de la respiration**. Après un an de soutien, il a été possible de comprendre que les chemins s'ouvrent dès lors que l'on canalise son attention et que l'on se concentre sur des actions collectives, ce qui permet de mieux comprendre le chemin parcouru. La respiration vient de la sensation d'accueil et de la perception qu'il est possible de transformer nos actions en fonction de chaque réalité vécue.

Nous ne sommes pas seuls.

Nous sommes un collectif qui cherche à transformer la relation entre enseigner et apprendre, la relation de ce qui est réellement nécessaire dans l'échange constant de connaissances, lesquelles sont ancestrales, mais qui, en raison de l'arrogance coloniale et épistémologique, ont été défigurées dans le cadre d'une école classique et carrée. La respiration naît de la possibilité d'écouter et de rêver des histoires, et de les transformer en art, avec les enfants, les jeunes et les anciens. L'art des ÉCOLES VIVANTES n'est pas un art marchand, mais un art-pensée, un art-rêve et un art-action, fait pour renforcer les vies de chacune des cultures qui participent à ce travail collaboratif.

L'exposition VIVA VIVA ESCOLA VIVA présente au monde l'existence d'une résistance dans la transmission des savoirs. En rencontrant chacun des coordinateurs des quatre projets, il sera possible à chaque espace-territoire de partager ses expériences et ses défis, et ainsi de se renforcer mutuellement. La guérison de la terre, la force des chants, la mémoire des êtres qui ont cessé d'exister, comme les grands arbres des régions du Minas Gerais, l'oralité propre aux nombreux récits sur les êtres spirituels, gardiens de tout ce qui vit sur Terre, le respect des médecines traditionnelles, la préservation du chemin du bien-vivre pour exister de façon équilibrée. Tels sont les nombreux rêves auxquels aspire chaque membre des ÉCOLES VIVANTES.

Cette exposition fait écho à la force ancestrale qui réside dans la multiplicité des modes de transmission des savoirs.

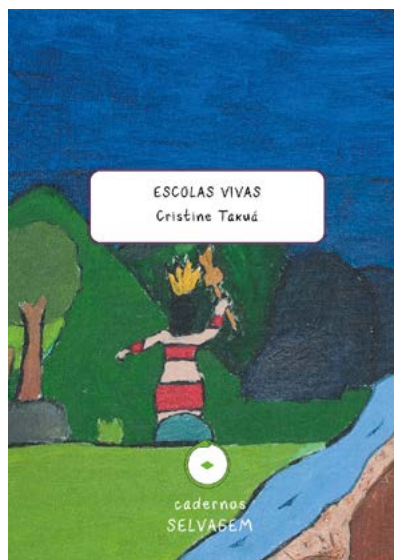
Dès lors que les représentants et les communautés se reconnaîtront comme des ÉCOLES VIVANTES actives, nous aurons alors atteint le **Temps de l'abondance**. Ce sera un temps pendant lequel chaque collectif actif transformera son territoire et fera en sorte de transformer les rêves en réalités.

Et, pensant à l'évolution future des ÉCOLES VIVANTES, nous rêvons de voir advenir un **Temps des mémoires vivantes et actives**, qui consistera en un flux constant d'échanges et d'interactions sensibles avec toutes les formes de vie.





MAÍRA DJERA
MBARAETE, 2021
Acrylique sur toile
50 X 40 CM



Le travail artistique de Maira figure également sur la couverture du cahier Selvagem, Écoles Vivantes, de Cristine Taxuá, publié en 2022.



QUEM SOMOS

ESCOLA VIVA SHUBU HIWEA HUNI KUI

Coordenadores | Dua Busẽ e Teresa Netẽ

Artistas | José Mateus Itsairu, Jaosni Sales Ixã, Iran Pí-
nheiro Sales Bane, Mulheres do povo Huni Kuĩ (painel de
miçangas), Zenira Nesheni e Renato Maná

ESCOLA VIVA ALDEIA-ESCOLA-FLORESTA MAXAKALI

Coordenadores | Sueli e Isael Maxakali

Artistas | Anilzinha Maxakali, Eliana Maxakali, Joana Ma-
xakali, Juliana Maxakali, Jupira Maxakali, Marcinho Ma-
xakali, Marciana Maxakali, Marcos Maxakali, Marieneide
Maxakali, Vilmará Maxakali, Voninho Maxakali, Taxna Ma-
xakali, Zezão Maxakali e Zilda Maxakali

PONTO DE CULTURA MBYA ARANDU PORÁ GUARANI

Coordenadores | Carlos Papá e Cristine Takuá

Artistas | Fabiano Kuaray Papa, Alexandre Wera, Bruno
Djeguaka, Maira Djera, Marcinho Xunu, Kauê Karai Tataendy,
Wera Juninho Leonardo Karai Rokadju e Milena Jaxuka

CENTRO DE MEDICINA INDÍGENA BAHSERIKOWI TUKANO E DESANA


Coordenadores | João Paulo Lima Barreto e Anacleto Barreto

Organizadores | Carla Wisu, Ivan Tukano, Durvalino Kisibi,
Pedro Tukano, Janicleia Pedrosa e Janine Fontes

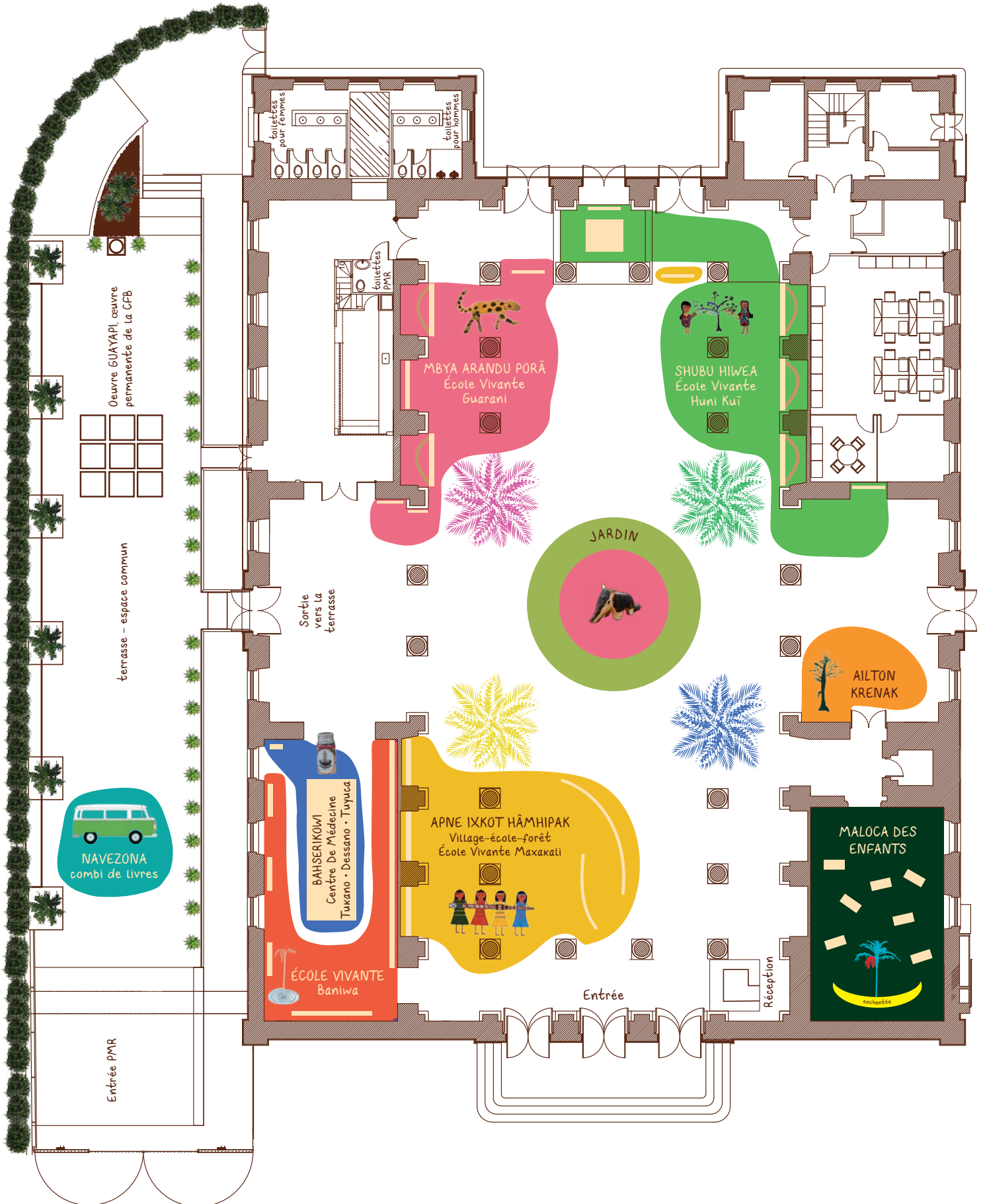
ESCOLA VIVA BANIWA

Coordenadores | Francisco Fontes Baniwa e Francy Baniwa

Artista | Frank Baniwa



PLAN DE L'EXPOSITION





SHUBU HIWEA, A ESCOLA VIVA HUNI KUI

Dentro da história tem cantoria, tem medicina. Enquanto eu estou vivo, eu sou escola viva. Sou vivo, falo, indico, explico, ensino. Por isso eu chamei meu kupixawa de escola viva, porque eu estou lá, dentro do meu kupixawa, contando história e escrevendo no quadro. Eu estou dando aula. Por isso eu pensei escola viva. Escola viva não é só uma, não. Todo mundo hoje em dia é escola viva, porque estamos resgatando nossa cultura, que estava escondida. Foi isso que pensei, para deixar tudo, para sempre, para eles.

Pajé Dua Busê

Os Huni Kuĩ vivem na região tropical amazônica, distribuindo-se pelo leste peruano até a fronteira com o Brasil, e pelo Acre e sul do Amazonas. Constitui a mais numerosa população indígena do Acre.

A ESCOLA VIVA Huni Kuĩ é um sonho do pajé Dua Busê. Ele vive com sua família na aldeia Coração da Floresta, no Alto Rio Jordão. Dua Busê possui profundos saberes da cultura Huni Kuĩ – de histórias, medicina, música e espiritualidade – e, ao longo dos anos, tem transmitido seus conhecimentos para outros pajés e aprendizes.

Em sua aldeia, ele criou um grande Jardim, que batizou de Parque União da Medicina, onde são feitos cultivos, estudos e práticas dos saberes da medicina tradicional de seu povo. Como grande conhecedor, ele se preocupa com o futuro das novas gerações e vem buscando meios de manter a memória viva.

Quando está em roda com seu povo ou quando caminha acompanhado pelo seu parque de plantas medicinais, Dua Busê costuma dizer: "É tudo isso, estou aqui, a ESCOLA VIVA está aberta".

Anna Dantes



SHUBU HIWEA - ÉCOLE VIVANTE HUMI KUÏ

Coordinateurs: Dua Busê et Teresa Netê

Dans l'histoire, il y a du chant, il y a de la médecine. Tant que je suis en vie, je suis école vivante. Je vis, je parle, je conseille, j'explique, j'enseigne. C'est pourquoi j'ai appelé ÉCOLE VIVANTE mon KUPIXAWA, car je me trouve là, à l'intérieur de mon KUPIXAWA, racontant des histoires et écrivant au tableau. Et j'enseigne. C'est pour ça que j'ai pensé à l'idée d'école vivante. Une école vivante n'est pas quelque chose d'unique. Aujourd'hui, tout le monde est école vivante, parce que l'idée, c'est de sauver notre culture, qui était demeurée cachée. C'est ce que je pensais, à tout leur laisser, pour toujours, pour eux.

DUA BUSÊ

Les HUMI KUÏ vivent dans la région tropicale amazonienne, de l'est du Pérou jusqu'à la frontière avec le Brésil, dans l'Acre et au sud de l'État d'Amazonas. Ils constituent la population indigène la plus nombreuse de l'Acre.

L'ÉCOLE VIVANTE HUMI KUÏ est un rêve du *pajé* DUA BUSÊ. Il vit avec sa famille dans le village de Coração da Floresta, dans la région du Alto Rio Jordão. DUA BUSÊ possède une connaissance approfondie des savoirs propres à la culture HUMI KUÏ – histoires, médecine, musique et spiritualité – et, au fil des années, il a transmis son savoir à d'autres *pajés* et apprentis.

Dans son village, il a créé un grand jardin, qu'il a nommé Parque União da Medicina [Parc de l'Union de la Médecine], où l'on plante, où l'on étudie et pratique les savoirs médicaux traditionnels de son peuple. En grand connaisseur, il se soucie de l'avenir des nouvelles générations et cherche les moyens de maintenir vivante la mémoire.

Lorsqu'il est en cercle de conversation avec les siens ou lorsqu'il se promène dans son jardin de plantes médicinales, DUA BUSÊ a pour coutume de dire: « ça y est, je suis là, l'École Vivante est ouverte ».

Clara Almeida



LA MAISON DES ESSENCES HUNI KUI

Le travail des *Casas de Essências* [Maisons d'Essences] est une branche de L'ÉCOLE VI-VANTE HUNI KUI.

C'est le lieu de d'expérience avec les médecines traditionnelles. Dans des laboratoires installés dans 5 villages le long du Rio Jordão, dans l'Acre, des chercheurs en plantes indigènes ont utilisé de nouvelles techniques d'extraction des essences et des composants actifs botaniques afin de préparer des arômes naturels et des médicaments destinés à être utilisés par la communauté dans les villages.

Les études menées dans les *Casas de Essências* ont réuni d'anciens *pajés* et de jeunes apprentis de façon à échanger des connaissances et à perpétuer les savoirs traditionnels.

Fruit du rêve du *pajé* AGOSTINHO IKA MURU, les *Casas de Essências* sont nées de la volonté D'ISAKA MATEUS, du village de São Joaquim, et de TIAGO IBÁ, du village de Novo Natal, de s'initier à la manipulation des plantes et de produire des huiles, hydrolats et essences. Depuis 2016, ISAKA et TIAGO bénéficient, dans ce processus d'apprentissage, de la collaboration de Mestre Índio, de l'*Escola de Espagiria*, et de Juliana Nabuco.

Le rêve du *pajé* IKA MURU est décrit dans l'ouverture du livre UNÁ ISI KAYAWÁ, publié par Dantes Editora et par le Jardin Botanique de Rio de Janeiro:

« C'est maintenant qu'ils vont commencer à reconnaître notre singularité, notre identité, la biodiversité de la nature dans laquelle nous sommes. Et qui est comme de l'or entre nos mains que nous n'avons jamais détruit. C'est tout juste maintenant que nous commençons à reconnaître l'importance de cela et, à l'avenir, nous construirons notre propre laboratoire indigène. Ceux qui sont intéressés doivent eux aussi étudier et réinventer leurs façons de faire, en s'inspirant de ce qui se faisait dans le passé, système que nous utilisons toujours aujourd'hui, et qui, culturellement, existe depuis les origines, nos peuples, nos ancêtres ».

En 2019, un petit laboratoire est resté ouvert tout au long de l'événement Selvagem qui a eu lieu au théâtre du Jardin Botanique de Rio, tandis qu'ISAKA et TIAGO IBÁ présentaient leurs recherches sur les plantes odorantes.



[Ni Ininipa Casas de Essências Huni KUI](#), un film narré par le *pajé* Dua Busê, présente l'arrivée des laboratoires dans les villages avec des images de récolte, de distillation, d'huiles et de plantes.

CAHIERS ET CARNETS HUMU KUÏ

L'histoire des HUMU KUÏ est généralement divisée en cinq temps:

Le Temps des Malocas, où ils vivaient nus, avant le contact avec les Blancs.

Le Temps de la Fuite, lorsqu'ils furent envahis par les armes à feu, dépossédés de leur territoire et réduits à quelques 300 personnes.

Le Temps de la Captivité, au cours duquel ils sont devenus les otages des propriétaires de plantations de caoutchouc, qui ont mis sur pied le système esclavagiste des *barracões* [lotissements], sous lequel sont nés tous les HUMU KUÏ les plus âgés d'aujourd'hui.

Le Temps des Droits qui, à partir des années 1970, s'est appuyé sur les travaux des anthropologues Terri de Aquino et Marcelo Piedrafita pour créer des coopératives et délimiter des territoires.

Le Nouveau Temps, ou XINÁ BENA, qui allie la transmission des traditions entre vieux et jeunes avec les échanges avec le monde du XXIème siècle.

Lorsque le papier, le crayon et le stylo sont entrés dans la culture HUMU KUÏ, pendant le **Temps des Droits**, ils ont été incorporés en tant qu'outils de recherche pour les pratiques de transmission du savoir. Tandis que les *pajés* racontent des histoires sur les anciens, les apprentis dessinent et peignent et, de ce fait, ravivent souvenirs et ancestralité.

RENATO MANÁ et ZEMIRA NESHENI, du village Novo Segredo [Village Nouveau Secret], dans la région du Alto Rio Jordão, ont préparé 8 dessins, qui présentent YUXIBU, créateur du Soleil, des étoiles, de la Terre et de la forêt ; et les familles INU BAKE, INANI BAKE, DUA BAKE et BANU BAKE, qui incarnent la façon dont se distinguent personnes, animaux, plantes et éléments dans le monde HUMU KUÏ.

Pour approfondir le sujet, nous vous suggérons de visiter le site internet de l'exposition [Una Shubu Hiwea](#) et les publications de la [Comissão Pró-Indígenas do Acre](#) [Commission Pro-indigènes de l'Acre].





RENATO MANÁ
 ET ZENIRA NESHENI,
 Arc-en-ciel Bari Sitã - Yuxibu,
 Soleil Bari - Yuxibu,
 Étoile Bimi - Yuxibu,
 Forêt Ni - Yuxibu,
 Inu Bake, Inani Bake,
 Dua Bake, Banu Bake, 2023
 Feutres et crayons de couleur
 sur papier / 21 x 29 cm





JOSÉ MATEUS ITSAIRU

Huã Karu Yuxibu, 2017

Encre acrylique sur toile

140,0 x 260,0 cm

Collection MAR / Museu de Arte do Rio

SMCRJ / Fundo Z

HUÃ KARU YUXIBU

HISTOIRE DU MAÎTRE DES POUVOIRS DE LA NATURE

Rapportée par Dua Busi

Traduite et révisée par Tadeu Mateus HUNI KUÏ, en 2017

Les familles vivaient dans des *malocas*. La femme célibataire allait toujours chercher des morceaux de bois pour faire du feu. Et un jour, elle tomba amoureuse d'un morceau de bois, HUÃ KARU.

Elle dit: – S'il existait un homme aussi beau que ce morceau de bois, je l'épouserais.

Quand la nuit tomba, au clair de lune, la femme sortit faire pipi et rencontra un garçon sur la place du village. Elle lui demanda: – Qui es-tu?

Il répondit: – C'est à moi que tu as parlé.

Elle dit: – Je ne t'ai pas parlé, j'ai parlé à HUÃ KARU.

Il dit: – C'est moi, je me suis transformé.

Elle tomba alors amoureuse et commença à le fréquenter jusqu'à en tomber enceinte. Un jour, les gens du village brûlèrent tous les morceaux de bois. Et l'homme ne revint plus, il disparut. La femme se plaignit d'être enceinte sans mari. L'enfant

dans le ventre commença à parler: – Maman, partons d’ici. Allons sur la terre de ma famille, la terre de HUĀ KARU YUXIBU.

La femme s’enfuit avec l’enfant dans son ventre. En chemin, il commença à expliquer: – Maman, il y a deux chemins devant nous. Le chemin envahi par la forêt, c’est celui de ma famille. Le chemin le plus dégagé, qui a un plumage d’ara sur chaque côté, c’est celui des İKA. Prends le chemin difficile.

Le garçon demanda à sa mère de lui procurer des graines et des fleurs, ce qu’elle fit.

Devant eux se trouvaient des graines de *sororoca* et le garçon lui demanda d’en cueillir. Au moment où elle avançait sa main, elle fut piquée par un frelon qui était posé sur une feuille.

Furieuse, elle commença à tambouriner sur son ventre. Et l’enfant, lui aussi en colère, arrêta de parler.

La mère reprit la marche et emprunta le mauvais chemin. Arrivée au pays des İKA, elle rencontra la tante de HUĀ KARU, YUSHA KURU, qui filait du coton.

YUSHA KURU dit: – Pourquoi es-tu venue jusqu’ici? Moi, c’est İKA qui m’y a amenée et sache qu’il est très dangereux. Il mange les gens.

La mère de HUĀ KARU demeura là, et YUSHA KURU prépara du charbon pour la protéger d’İKA lorsque celui-ci viendra et lui demandera de le débarrasser de ses poux.

Elle dit: – Si tu ne t’occupes pas de ses poux, il te mangera. Et sache que ses poux, ce sont des scarabées.

Lorsqu’elle eut fini les préparatifs, les İKA arrivèrent, et un vieil homme lui demanda de lui chercher des poux. La mère de HUĀ KARU en chercha en mâchant du charbon et en l’utilisant pour les attraper. Finalement, un dernier İKA arriva, et lui demanda qu’elle l’épouille, mais elle n’avait plus de charbon. Alors, quand elle prit la scarabée dans sa bouche, elle vomit, et l’İKA, en colère, l’attaqua. Elle en mourut, les İKA ouvrirent son ventre pour la manger. HUĀ KARU sauta alors au cou de sa tante.

La tante dit: – Vous êtes déjà en train de manger la mère. Pas la peine de manger l’enfant. Comme je n’ai pas de fils, c’est moi qui élèverai ce garçon.

HUĀ KARU YUXIBU grandit du jour au lendemain. Il grandit très rapidement. Il demanda aux İKA de lui fabriquer des flèches pour pouvoir pêcher. Il considérait sa tante comme sa mère mais un jour, il apprit qu’elle avait été mangée par les İKA et décida de se venger.

Les İKA avaient l’habitude de partir à la chasse. Et sur le chemin du retour, HUĀ KARU construisit un piège avec un palmier qui propulsait au loin les İKA lorsqu’ils tombaient dedans. HUĀ KARU rentrait chez lui avec ce qui avait été chassé. Et les İKA disparaissaient petit à petit. Il y en avait chaque fois de moins en moins.

Mais ils commencèrent à se méfier de HUĀ KARU et décidèrent de le tuer.

Le chef des İKA avertit tous les autres de se préparer à tuer HUĀ KARU. La tante recommanda alors à HUĀ KARU de prendre la fuite.

Il dit: – Je n'ai pas peur.

Il prit une flûte et un petit gourdin et s'assit au milieu de la *maloca*, en jouant de son instrument. Les İKA entrèrent armés dans la *maloca* en passant de partout. HUĀ KARU se leva et cria, frappant avec son gourdin au milieu de la *maloca*, ce qui produisit un éclair. Il sauta au sommet de la cabane, et lui et sa tante réussirent à s'échapper. Les İKA, eux, disparurent.

HUĀ KARU demanda à sa tante où les İKA jetaient leurs os. La tante lui montra un *sapopema*². HUĀ KARU entra dans la forêt et chercha des plantes médicinales, qu'il frotta entre ses mains et dont il versa le jus sur chacun des os qu'il avait trouvés.

La première goutte tomba sur l'os d'un tapir, et celui-ci se ranima et s'enfuit vivant. Il fit cela avec tous les animaux : cerf, cochon, agouti, caïman. Finalement, il retrouva les os de sa mère, quelques petits morceaux. Il y versa le jus de la plante médicinale et la mère reprit sa forme humaine. HUĀ KARU, sa mère et la tante, YUSHA KURU, prirent finalement la route du village de la famille de HUĀ KARU. Ils voyagèrent toute la journée, jusqu'à la tombée de la nuit. HUĀ KARU prépara alors un campement traditionnel et, toute la nuit, enseigna à sa tante comment préparer les plantes médicinales. À l'aube, HUĀ KARU s'apprêtait à lui enseigner un dernier remède, mais celle-ci, épuisée, lui demanda de remettre cet enseignement au lendemain. C'était la potion qui faisait revivre les gens. Ils dormirent. Le lendemain, HUĀ KARU n'enseigna plus rien. C'est la raison pour laquelle notre peuple ne connaît pas cette potion.





JASONI SALES IXÄ

Basne Puru Yuxibu, 2017

Acrylique sur toile sur toile

142,0 x 258,0 cm

Collection MAR / Musée d'Art de Rio

SMCRJ / Fundo Z

BASNE PURU YUXIBU

HISTOIRE DE L'ARAIGNÉE ENCHANTÉE

Raconté par Tadeu Mateus Huni Kuin, en 2017

1. Une femme HUMI KUÏ vivait dans une *maloca*. Elle n'avait pas de vêtements, elle ne savait pas tisser, elle ne savait rien faire. Un jour, la femme vit une araignée construire rapidement sa maison et dit: – Waouh, cette femme araignée construit sa maison très rapidement. Si nous, HUMI KUÏ, apprenions, nous pourrions aussi construire des maisons, des vêtements...

2. Le lendemain, la vieille BASNE PURU apparut, portant un fil prêt à l'usage sous son bras. La femme demanda: – Qui es-tu? BASNE PURU répondit: – Je suis l'araignée enchantée. Hier, je t'ai entendue demander d'apprendre à tisser, alors j'apporte du matériel pour t'enseigner.

3. L'araignée enseigna à la femme comment fabriquer un hamac, MMABĀ.

4. L'araignée prit le fil et le rapporta le lendemain.

5. Le lendemain, BASNE PURU livra le hamac achevé, sans aucun graphisme dessus, juste le hamac.

6. La femme souhaita récupérer, pour les planter, des graines de ce même coton. Elle en demanda à BASNE PURU. Celle-ci revint avec beaucoup de graines. De bonnes graines et d'autres de moindre qualité.

7. La femme, avec son mari, planta le coton dans son champ.

8. Le coton naquit avec du fil de différentes couleurs sur sa branche: noir, rouge, blanc... de toutes les couleurs. La plante donnait des graines à la famille pour être plantées dans le champ. Chaque couleur avait sa graine.

9. Lorsqu'il y eut suffisamment de fil pour confectionner une veste, elle le donna à BASNE PURU pour qu'elle en fabrique une.

10. BASNE PURU fabriquait cinq hamacs chaque nuit et les lui livrait le lendemain.

11. Un jour, la femme dit: – BASNE PURU fabrique des hamacs, des vestes, des vêtements... Ce serait bien d'apprendre à fabriquer nous-mêmes nos propres affaires.

12. Le lendemain, BASNE PURU arriva avec des graines de coton. Et les graines colorées, BASNE PURU les emporta avec elle pour toujours. De nos jours, seules naissent les bourres de coton, plus les fils colorés. Ils commencèrent alors à travailler, à planter, à récolter, à battre le coton, à le filer et même à confectionner leurs propres vêtements. C'est ainsi qu'est apparu l'enseignement du tissage pour le peuple HUMIKUÏ. La personne qui apporta cet enseignement fut l'araignée enchantée.





IRAN PINHEIRO SALES BANE

Siriani, 2017

Acrylique sur toile

144,0 x 261,0 cm

Collection MAR / Musée d'Art de Rio

SMCRJ / Fundo Z

SIRIANI

HISTOIRE DE L'ÉMERGENCE DES GRAPHISMES

Raconté par Tadeu Mateus Huni Kuin, en 2017

1. Un jour, SIRIANI et son mari PUKE DUA partirent à la chasse dans la forêt et trouvèrent un arbre de la taille d'un *samaúma*³, où se trouvaient, sur chacune de ses branches, des bourres de coton filé de différentes couleurs: blanc, rouge et noir.

2. Ils apportèrent quelques bourres au chef KAKA TAEBU pour qu'il découvre ce dont il s'agissait.

3. Et il découvrit que c'était du coton. Et ils remirent les bourres à la femme du chef.

4. Elle sépara les graines et les planta.

5. Les arbres poussèrent, et tous les habitants du village prirent part à la récolte.

6. SIRIANI sépara le bon du mauvais coton.

7. Alors que tout le monde dormait, SIRIANI garda le coton dans un vase en céramique, qui émit du bruit pendant la nuit. Le lendemain matin, lorsque le vase

fut ouvert, le coton s'était transformé en hamacs et en tissus recouverts de KENES [motifs géométriques Huni Kuin].

8. C'est le boa BARI SIRI KA qui enseigna à SIRIAM les motifs KENE ainsi que le travail de peinture et de tissage. Un jour, la mère de SIRIAM alla chercher de l'eau au ruisseau et vit sa fille enlacée par un boa. Effrayée, elle appela ses autres enfants pour flécher le serpent. Lorsque le boa mourut, il emporta avec lui l'esprit de SIRIAM.

9. Quand ils essayèrent de cuisiner SIRIAM, son corps resta dur.

10. Les femmes se plaignirent du fait que le boa ne leur avait pas fourni les connaissances leur permettant de travailler. Le boa écouta et leur remit le coton, mais tel qu'il est aujourd'hui, sous forme de graines et simplement blanc, poussant sur des arbres plus petits et pas encore filé pour que les femmes puissent le travailler. Aujourd'hui encore, nous travaillons ainsi : plantation, récolte, filage et tissage.

Ce tapis a été réalisé spécialement pour l'exposition No caminho da miçanga: um mundo que se faz de contas [Sur le chemin des perles: un monde né de l'imagination] dont la curatrice était Els Lagrou, inaugurée en 2015 au Museu do Índio. Il s'agit d'un panneau de perles avec différents kenes (motifs) Huni Kuĩ réalisé par des artisans du Rio Jordão, lors de l'Atelier de perles Huni Kuĩ, organisé par le Museu do Índio dans le village de São Joaquim, le 11/9/2011, avec la coordination de Deborah Castor.





TERESA NETĚ
& MARIA SIRIANI
Tissus professeurs,
2023 et 2017
Fil teint
Tailles diverses

FEMMES DU PEUPLE HUNI KUĪ
Tapis de perles, 2011
Perles cousues avec fil de pêche
175 x 137 cm



A ESCOLA VIVA MBYA ARANDU PORÃ E O DESPERTAR DOS JOVENS

O povo Guarani habita a região meridional da América do Sul, em um amplo território no qual se sobrepõem Paraguai, Brasil, Argentina, Uruguai e Bolívia. Nós nomeamos toda essa região como Yvy Rupa.

No território do Rio Silveira, onde se localiza a MBYA ARANDU PORÃ, os jovens estão começando a perceber a importância da ESCOLA VIVA e, através desse diálogo, trouxeram cantos que já tinham se perdido há muitos anos.

Eu vejo que a ESCOLA VIVA, aos poucos,
acorda o que estava adormecido.

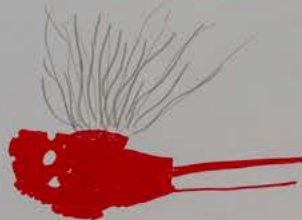
Eu vejo que a ESCOLA VIVA
é fundamental para que se continue.

Eu vejo que a ESCOLA VIVA fortalece.

Eu vejo que a ESCOLA VIVA
se aproxima da sabedoria milenar
de forma mais autêntica
e protege as bibliotecas vivas que são os anciãos.

Sou diretor da MBYA ARANDU PORÃ e vejo que ela é
uma ferramenta que traz uma educação de respeito e de
saúde do caminhar, do falar, do olhar e do sentir.

Carlos Papá



L'ÉCOLE VIVANTE MBYA ARANDU PORÃ ET LE RÉVEIL DES JEUNES

par Carlos Papá, coordinateur

LE PEUPLE GUARANI habite la région méridionale de l'Amérique du Sud sur un vaste territoire qui chevauche les territoires du Paraguay, du Brésil, de l'Argentine, de l'Uruguay et de la Bolivie. Les GUARANI désignent toute cette région comme YVY RUPA.

Sur le territoire de Rio Silveira, où se trouve l'école MBYA ARANDU PORÃ, les jeunes commencent à prendre conscience de l'importance de L'ÉCOLE VIVANTE et, à travers ce dialogue, ils ont commencé à chanter des choses qui étaient perdues depuis de nombreuses années.

Ces jours-ci, aussi incroyable que cela puisse paraître, un jeune homme s'est levé et a chanté MANDYJU (coton). Cela m'a beaucoup ému, car ce chant parle de l'importance des vêtements et du tressage. Il parle également de l'importance de l'être-végétal, qui apporte sagesse et respect comme quelque chose de très sacré.

Les esprits des papillons de nuit se manifestent, provoquant la transformation des mains des femmes GUARANI MBYA et le fait qu'elles puissent créer des tissus afin de faire des couvertures semblables à des cocons pour que les enfants se protègent du froid.

Ainsi, le jeune homme a ramené ce chant de l'époque où les GUARANI MBYA confectionnaient leurs propres tissus et en faisaient des couvertures. Ils tissaient et chantaient.

Ce chant était entendu partout où il y avait des femmes indigènes fabriquant du tissu. Elles chantaient ce chant-mantra pour réveiller les toiles des papillons de nuit,

Clara Almeida



qui nous ont transmis la capacité de tisser et rendent le travail sacré. Il devient vivant. Il ne s'agit pas simplement d'une action ; celui qui se consacre au travail sacré donne son énergie, sa vie et son savoir-faire. Alors, ce tissu devient l'art de la femme et de cette vie qu'elle a produite. Ce chant apporte la force féminine, c'est un chant qui apporte une revitalisation, pour qu'elle puisse continuer à fabriquer ses accessoires avec le coton. Le coton apporte aussi protection, il devient protection, santé et vêtement chaud contre le froid. Le chant dit tout cela.

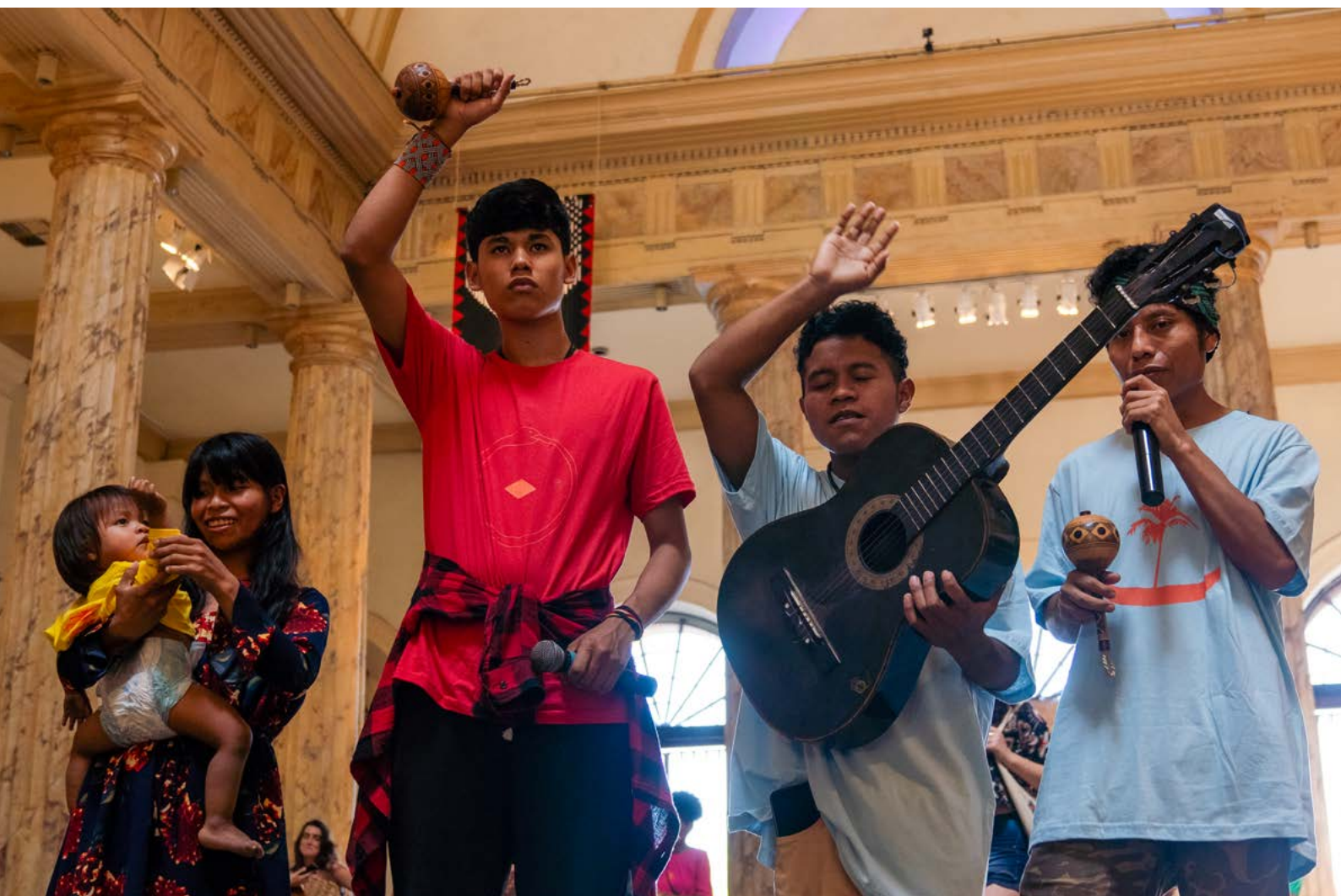
**Je vois que L'ÉCOLE VIVANTE, petit à petit,
réveille ce qui était jusqu'alors en sommeil.**

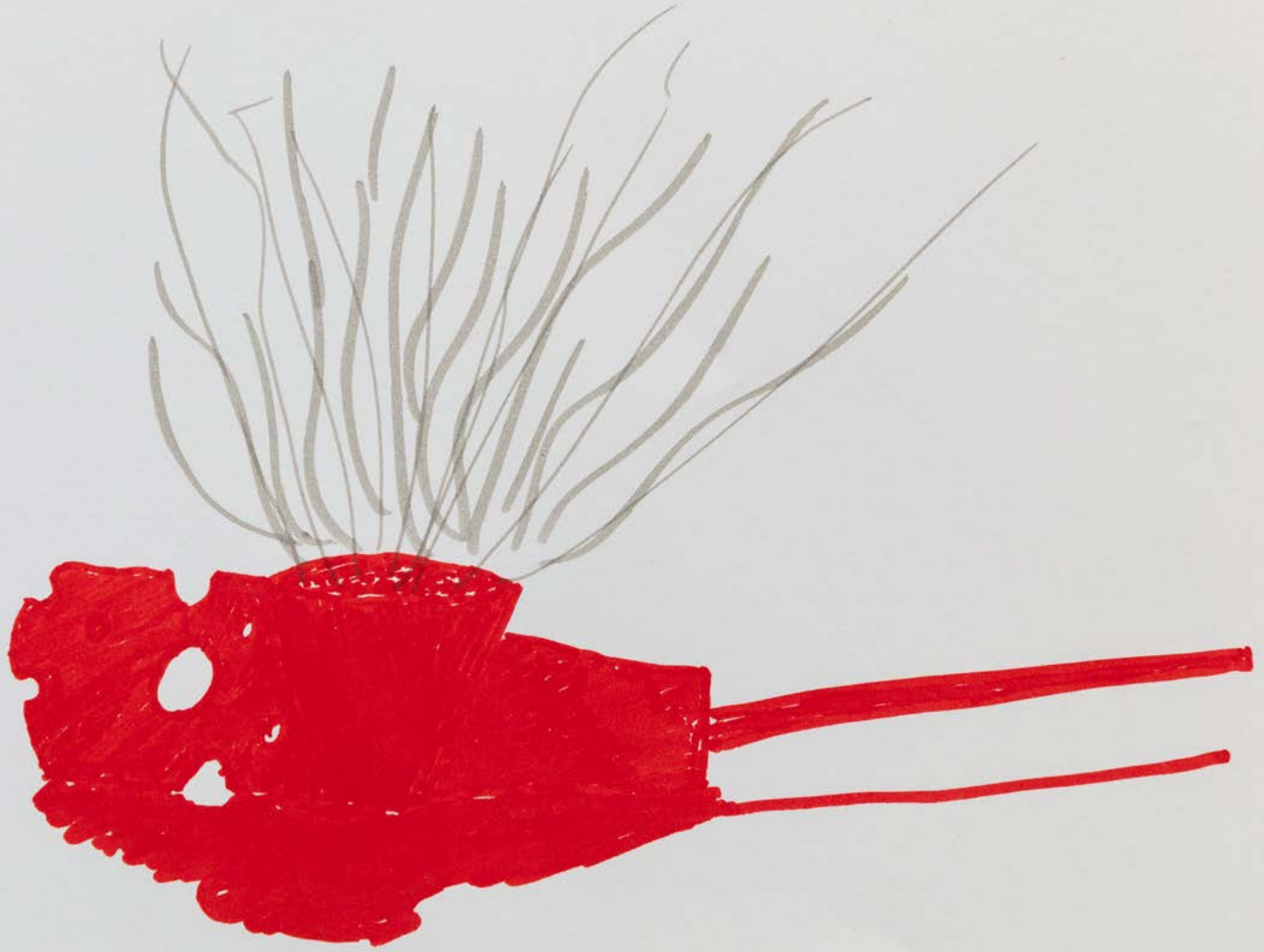
Je vois que L'ÉCOLE VIVANTE est fondamentale pour que cela continue.

L'ÉCOLE VIVANTE renforce, elle se rapproche de la sagesse ancienne de la manière la plus authentique et elle protège la bibliothèque vivante que sont nos anciens.

C'est en ce sens que je vois l'importance du travail de L'ÉCOLE VIVANTE. Je fais partie de cette ÉCOLE VIVANTE, j'en suis le directeur et je constate qu'elle est un outil pour revenir à cette éducation millénaire, une éducation au respect, une éducation à la santé, une éducation à la marche, une éducation à la parole, une éducation au regard.

Clara Almeida





NHE'ÉRY

par Carlos Papá

NHE'ÉRY [la *Mata Atlântica*, la forêt tropicale atlantique] est une manière d'appréhender la dimension de la forêt, un portail limpide et transparent, source d'enseignement au quotidien. Le terme peut être traduit par « là où les esprits se baignent », là où ils se purifient pour effectuer une élévation divine, intégrant le monde cosmologique afin d'atteindre légèreté spirituelle et vie éternelle – dans la conception guarani, le *YVY MARAE'*.

La NHE'ÉRY est la base de l'existence et de la résistance des peuples indigènes qui y vivent, car c'est dans la forêt vivante que se trouvent les remèdes qui guérissent et la véritable école: la transmission des savoirs et des pratiques ancestrales. Elle est d'une grande importance car elle maintient le sol avec ses mains et nous fournit de l'eau et de la nourriture. Les grands esprits sont dans ses feuilles et ses racines. À chaque feuille qui tombe, une autre naît comme un enfant, et c'est ainsi que se forme toute vie dans la forêt.







ALEXANDRE WERA, BRUNO DJEGUAKA, MAIRA DJERA, MARCINHO XUNU ET WERA JUNINHO

Kupi Retã [Ville de Cupins], 2023

Acrylique sur tissu 170 x 270 cm



ALEXANDRE WERA, BRUNO DJEGUAKA, MAIRA DJERA, MARCINHO XUNU ET WERA JUNINHO

Texo Porã [Bien Vivre], 2023

Acrylique sur tissu 170 x 270 cm

À Selvagem, il existe tout un parcours d'études, coordonné par Carlos Papá, sur la Nhe'ëry: cycles, vidéos, cahiers et une série de contenus connexes.



Dans le cycle Ayvu Pará, il est possible d'apprendre sur la façon dont la Nhe'ëry et le monde sont constitués à partir des mots guarani qui définissent les êtres, les lieux, les éléments et les états d'esprit.



Les deux toiles représentant la Nhe'ëry, présentés lors de l'exposition Viva Viva Escola Viva, ont été réalisés par les jeunes de l'École Vivante Guarani dans le cadre de l'enregistrement du cycle Ayvu Pará au Musée des Cultures Indigènes, à São Paulo.



PYTUN JERA
ÉCLORE DE LA NUIT
par Carlos Papá

Nous croyons que l'obscurité est à l'origine de l'univers entier, y compris de NHANDERU, le Dieu Suprême. En effet, d'où vient NHANDERU, notre créateur, que nous admirons tant? Eh bien lui aussi est venu de l'obscurité. Obscurité qui est à l'origine de la création de tout l'univers existant aujourd'hui, et y compris de notre corps. Notre corps contient de l'eau, de la terre et du fer. Et c'est pourquoi nous avons vraiment besoin de notre terre. Nous faisons partie de cette terre. Il ne sert à rien de dire que la terre n'est pas un territoire. Aussi incroyable que cela puisse paraître, nous faisons partie de cette terre, et même de l'arbre.

C'est pourquoi nous disons XEYVARA RETÉ. XEYVARA signifie « ciel », ou quand je respire. Et RETÉ, « le corps », qui serait la terre. Je suis donc la terre, mais je respire, je dépends donc de cette atmosphère que je reçois, de cette énergie. J'en ai besoin pour survivre.

[...] l'obscurité est si importante pour nous, car elle nous accueille lorsque nous voulons nous reposer ; par exemple, nous allons dormir et l'obscurité accueille notre repos. Ou même la mort. À notre mort, nous retournons à nouveau dans l'obscurité. Et alors ces énergies restent pour chercher un autre hôte. Et lorsqu'elles en trouvent un, alors tout renaît.

Extrait du [Cahier Selvagem « Pytun Jera - Éclore de la Nuit »](#)





FABIANO KUARAY PAPA
Onhembojera Mba'emö Ypy Rã
[Création des Êtres Sacrés], 2023
Acrylique sur toile / 80 x 118 cm



FABIANO KUARAY PAPA
Yvy Ijypy Hague Ha'e Kuaray Ha'e Jaxy Oiko Ypy Hague
[La première Création de la Terre et la Naissance du Soleil et de la Lune], 2023
Acrylique sur toile / 80 x 118 cm



CARLOS PAPÁ

Kuaray Jaxy Oambare Jogueraa Hague

[Ascension vers la Demeure Sacrée], 2023

Acrylique sur toile

79 x 118 cm



L'histoire complète se trouve
dans [le Cahier Selvagem](#)
« [La vie du Soleil sur Terre](#) ».

LA VIE DU SOLEIL SUR TERRE

par Carlos Papá

NHANDERU PAPA est celui qui a tout créé, qui a fait exister l'univers. Avec MAINO'1, qui l'a nourri avec du nectar divin. NHANDERU et NHANDEXY ont été les premiers êtres humains à habiter notre terre. KUARAY et JAXY ont contribué à donner un nom à toute la création sur Terre et ils ont fait un grand voyage pour rejoindre leur père. Cette toile montre le trajet de KUARAY et JAXY, fils de NHANDERU et NHANDEXY.



CARLOS PAPÁ
Nhandexy [Notre mère], 2023
Acrylique sur toile
32 x 41 cm

NHANDEXY
par Carlos Papá

Cette peinture représente NHANDEXY, notre Mère primordiale, l'obscurité originelle à partir de laquelle tout s'épanouit. Elle est la mère de toutes les choses, couleurs et êtres de l'univers.

CARLOS PAPÁ, CRISTINE TAKUÁ
ET FABIANO KUARAY PAPÁ EN
COLLABORATION AVEC LEONARDO
KARAI ROKADJU, BRUNO DJEGUAKA,
KAUÊ KARAI TATAENDY
Yxapy, 2023
Acrylique sur tissu
600 x 100 cm





ALBINO FERNANDES

Deux grands ajakas [paniers], 2023

Paille de bambou teinte / 68 x 40 cm

LUCIA FERNANDES

Deux sacs en paille, 2023

Paille de bambou teinte / 40 x 30 x 20 cm

ALBINO VERNANDES

Un ajaka moyen [panier], 2023

Paille de bambou teinte / 42 x 33 cm



À PROPOS DES PETITS ANIMAUX EN BOIS

par Carlos Papá

Les petits animaux sont fabriqués en bois de *caixeta*, un arbre originaire de la NHEËRY.

Il y a très longtemps, un XERAMOÍ⁴ racontait aux enfants que le *carão* [courlan brun] ne pouvait chanter que deux fois dans sa vie. L'un deux était amoureux d'une très jolie *tico-tico* [bruant chingolo], dont tous les animaux s'approchaient pour la demander en mariage, mais elle n'acceptait personne. Le *carão* lui demanda à son tour la même chose, mais elle refusa. Mais, ne lâchant pas l'affaire, il décida de chanter pour qu'elle l'entende et qu'elle soit peut-être envoûtée par son chant. Et après avoir chanté, il partit. Lorsqu'elle entendit le chant du *carão*, la *tico-tico* tomba sous le charme et, voulant savoir qui chantait aussi joliment, partit à sa recherche.

Le lendemain, elle dit au revoir à sa famille et partit à sa recherche...

Elle rencontra d'abord le coati⁵, qui était en train de cueillir des fruits et qui lui demanda ce qu'elle faisait seule sur la route. Elle lui dit qu'elle cherchait celui qui était l'auteur d'un magnifique chant qu'elle avait entendu. Le coati lui dit qu'il ne savait pas chanter, mais elle insista pour qu'il chante pour elle.

Il chanta, mais elle comprit que ce n'était pas lui. Elle lui dit alors au revoir et elle repartit.

Elle trouva alors le tatou et lui demanda ce qu'il était en train de faire. Ils se saluèrent, et elle lui dit qu'elle cherchait qui chantait si bien. Elle insista pour entendre sa voix, même après qu'il lui ait dit qu'il ne savait pas chanter. Alors il se décida à chanter, mais elle constata que ce n'était pas lui...

Et la *tico-tico* passa devant de nombreux animaux cherchant à découvrir l'identité du mystérieux chanteur.

Le XERAMOÍ montrait ainsi tous les petits animaux aux enfants qui les rassemblaient. Et il faisait une grimace [donner le *carão*] à celui qui voulait garder pour lui-même une statuette en bois. Du coup, pour plaisanter, chaque enfant voulait garder toujours plus de petits animaux de la NHEËRY.

Et de génération en génération, ces récits ont été transmis aux enfants, qui ont ressenti chaque fois plus d'intérêt à apprendre à fabriquer ces petits animaux et à raconter des histoires.

Dans le processus de fabrication des petits animaux en bois sont contenus de nombreux savoirs et connaissances GUARANI.

Ces savoirs témoignent de la relation des GUARANI avec les animaux de la forêt, et tout un chacun développe, à travers sa trajectoire individuelle, familiale ou collective, une large connaissance des espèces, qui reflète le comportement naturel de chaque animal, mais surtout, montre une manière particulière des GUARANI d'établir une relation avec ces êtres présents dans la NHE'ÉRY.



À PROPOS DU JARDIN DE PLANTES AUTOUR DES PETITS ANIMAUX

par Viviane Fonseca-Kruel

Entrelaçant plantes, souvenirs et histoires.

À travers cette collection d'espèces végétales cultivées en pot, nous souhaitons attirer l'attention sur les savoirs ancestraux liés à ces êtres vivants, au-delà de leurs aspects biologiques, botaniques et écologiques. Sa diversité nous invite à une conscience plus profonde. Les plantes ne sont pas seulement des ressources naturelles ; ce sont des éléments fondamentaux de l'identité culturelle des peuples indigènes.

Nous avons ici du tabac, du coton, du *caapi*, du *carajuru*, du *guaraná*, de la *chacrona*, de l'*urucum* [rocou], du *genipapo* [génipayer], du poivre, de la *jussara*, de la *pitanga* [cerisier de Cayenne] et du *pau-brasil* [bois-brésil], des espèces utilisées depuis des centaines d'années sur le territoire que nous appelons aujourd'hui le Brésil. Ces existences sont étroitement liées à l'histoire et à la culture des plus de 150 peuples indigènes qui vivent ici.

Ce sont des plantes qui racontent l'histoire de biomes comme l'Amazonie, avec des espèces comme le cacao, la patate douce, les noix du Brésil, le *guaraná*, le tabac et le manioc, gérées et domestiquées dans la région. Des études récentes, intégrant la génétique végétale, l'archéologie, l'anthropologie, la botanique et l'ethnobotanique, ont rassemblé des preuves de l'existence d'espèces agricoles amazoniennes, avec la présence de centres et de régions de diversité génétique agricole propre à ce biome.

Le rapprochement entre le Jardin botanique de Rio de Janeiro, les ÉCOLES VIVANTES et Selvagem vise à soutenir le dialogue interculturel et interdisciplinaire, à la recherche d'un plus grand rôle pour les communautés traditionnelles dans les actions liées à l'éducation publique et à la conservation de la socio-biodiversité.

Lorsqu'ils sont conscients de l'interaction entre les plantes et les communautés indigènes, les éducateurs peuvent inspirer une appréciation plus profonde des relations entre les humains et l'environnement. L'importance de renforcer les traditions orales et les pratiques ancestrales par le biais de partenariats éducatifs avec les communautés indigènes apparaît donc comme évidente.



VIVA VIVA ÉCOLE VIVA

Installation au centre de l'exposition

LETÍCIA MACENA

8 petits ajakas [paniers], 2023

Paille de bambou teintée

8 x 6,5 cm

THIAGO WERA BENITES

66 petits animaux, 2023

Bois de différentes tailles

KARAI MIRIM 7 maracas, 2023

Gourde, graines et bois

différentes tailles

PLANTES

Les plantes enseignantes vivent dans le Jardin botanique de Rio de Janeiro, sous la responsabilité de la Collection thématique de plantes médicinales et de la Collection vivante.





ALDEIA ESCOLA FLORESTA, A ESCOLA VIVA MAXAKALI

Os Maxakali são habitantes ancestrais das florestas que cobriam todo o leito dos rios Pardo, Jequitinhonha e Mucuri, na região compreendida, hoje, como nordeste de Minas Gerais e extremo sul da Bahia.

São um povo de, aproximadamente, 3000 pessoas que falam a língua Maxakali, um dos últimos idiomas nativos da região. A invasão da empresa agropecuária em suas terras originárias, durante os séculos XIX e XX, resultou no seu confinamento em 5 pequenos territórios, cercados de fazendas por todos os lados e devastados pela derrubada da floresta e pelo plantio do capim-colonião.

A Aldeia Escola Floresta é o território mais recente desse povo e foi criada a partir da retomada de uma propriedade da União, localizada na zona rural de Teófilo Otoni (MG). Ali começou a ganhar forma um sonho antigo, impulsionado pela reivindicação dos Maxakali por seus territórios originários e pela saudade que sentem dos rios, das caças e da mata grande.

Isael Maxakali, importante liderança e artista deste povo, costuma dizer que a verdadeira casa dos Maxakali, a 'aldeia de verdade', só pode existir junto com a floresta, que é a morada dos yãmĩxop.

Isael também diz que a vida nesses lugares - na aldeia e na floresta - é a melhor forma de educar suas crianças e transmitir seus conhecimentos tradicionais.

São suas ESCOLAS VIVAS, portanto.

Cristine Taxuá e Paula Berbert

VILLAGE-ÉCOLE-FORÊT

ÉCOLE VIVANTE MAXAKALI

Coordinateurs: Sueli et Israel Maxakali
par Paula Berbert et Cristine Takuá

L'art est une présence vivante et routinière chez les MAXAKALI. Sur leurs territoires, il est possible d'entendre presque quotidiennement les chants des YAMÏYXOP. Les YAMÏYXOP sont le peuple-esprit de la Mata Atlântica qui recouvrait tout le territoire de ce peuple, et qui visitent leurs communautés depuis les temps les plus reculés pour chanter, danser, jouer, manger, chasser et guérir. Lors de ces visites, les filles et les femmes leur donnent de la nourriture et en reçoivent aussi de leur part, et elles les accompagnent dans des danses et des jeux sur la place centrale des villages. Les hommes et les garçons déjà initiés à leurs secrets les accueillent dans la KUXEX, la « maison des chants », et ils chantent et chassent quelques-uns des rares animaux qui restent. C'est avec les YAMÏYXOP que se crée l'art immémorial des MAXAKALI, et c'est dans le quotidien partagé avec ces esprits qu'ils entretiennent la mémoire de la forêt. Même si les grands arbres, le gibier, les oiseaux et les rivières ont disparu, fuyant les

Clara Almeida



destructions causées par les activités agricoles, la forêt continue d'exister et de palpiter dans les chants, les danses, les ornements et les masques que les **YĀMĪY** portent, dans les peintures corporelles de leurs parents humains, dans les graphismes du **MĪMĀNĀN** (mât rituel), dans les ornements et motifs qui décorent les robes des femmes.

Face à plus de deux siècles d'invasion coloniale, le vaste territoire traditionnel des **MAXAKALI**, qui s'étendait auparavant jusqu'aux forêts tout au long des rivières Pardo, Jequitinhonha et Mucuri (MG/BA), a été réduit à un des territoires indigènes les plus petits et les plus dévastés du pays. Bien qu'ils vivent entourés de fermes de tous côtés, les **MAXAKALI** résistent en parlant leur propre langue et aspirent toujours à retourner sur les innombrables portions de terre qui leur ont été volées. Face aux dispositions meurtrières du dernier gouvernement, qui annonçait que « pas un centimètre de territoire ne serait démarqué », un groupe d'une centaine de familles a pris la courageuse décision de procéder à une récupération de terre, occupant, en septembre 2021, une propriété appartenant à l'État brésilien dans la zone rurale de Teófilo Otoni - Minas Gerais. C'est là qu'un vieux rêve a commencé à prendre forme pour **SUELI MAXAKALI** et **ISRAEL MAXAKALI**, d'importants leaders de ce peuple, qui se distinguent également par leur production artistique et audiovisuelle bien connue. Ils ont proposé d'appeler la nouvelle communauté **VILLAGE-ÉCOLE-FORÊT**, évoquant le projet communautaire auquel ils aspiraient depuis longtemps et qui est motivé par la revendication des **MAXAKALI** sur leurs territoires d'origine et par la nostalgie qu'ils ressentent des rivières, de la chasse et de la vaste forêt. Israel dit souvent que la véritable maison des **MAXAKALI**, le « vrai village », ne peut exister qu'avec la forêt, qui est la maison des **YĀMĪYXOP**, et que vivre dans ces lieux – au village et dans la forêt – est la meilleure façon d'éduquer leurs enfants et de transmettre leurs savoirs traditionnels, ce sont donc leurs écoles vivantes.

Si le rêve du **VILLAGE-ÉCOLE-FORÊT** a gagné du terrain avec la reprise des terres, depuis lors, les familles qui y vivent se sont également efforcées de former un corps, en s'appuyant sur un important réseau d'alliances et de partenariats. Les actions qu'ils prévoyaient de mener pour reboiser la zone et ouvrir des espaces de culture ont été mises en œuvre à travers le beau projet **HĀMHI - TERRA VIVA**. Articulée par plusieurs leaders locaux, avec Rosangela Tugny et Roberto Romero, chercheurs et alliés de longue date, l'initiative a formé des agents forestiers et structuré la composition des pépinières de plants et de cultures vivrières indigènes de la *Mata Atlântica*, non seulement dans cette communauté, mais aussi dans les autres territoires

MAXAKALI: la Terre Indigène MAXAKALI, qui comprend les régions de Pradinho et Água Boa (Santa Helena de Minas et Bertópolis - Minas Gerais), et des réserves d'Aldeia Verde (Ladainha - Minas Gerais) et Cachoeirinha (Topázio - Minas Gerais).

Les premiers efforts de la communauté pour reboiser la ALDEIA-ESCOLA-FLORESTA [Village-école-forêt] ont eu lieu l'année dernière et ont été organisés avec la collaboration de l'*assentamento*⁶ Terra-Vista du MST et du mouvement populaire Teia dos Povos.

L'autre volet essentiel du projet communautaire du VILLAGE-ÉCOLE-FORÊT consiste à organiser des réunions régulières de *pajés* et de spécialistes de la culture, ainsi qu'à structurer des ateliers de formation artistique. Ces actions ont été réalisées avec le soutien financier du projet Écoles Vivantes, coordonné par Selvagem. Les œuvres présentées dans cette exposition ont été conçues au cours de deux séries d'ateliers. La première a eu lieu en septembre 2022, lorsque les artistes du VILLAGE-ÉCOLE-FORÊT ont eu leur première expérience avec la peinture sur toile, et ont également pu approfondir leurs pratiques sur des supports et avec des tech-



niques qu'ils connaissaient déjà, tels que l'aquarelle et le dessin. À cette occasion, les enseignants et les *pajés* de la communauté ont choisi un thème pour la recherche artistique à développer: « KOTKUPHI YŌG KUTEX XI ĀGTUX », les chants et les histoires de KOTKUPHI, l'esprit du manioc. En un peu plus d'une semaine, plus d'une trentaine de dessins et une vingtaine de toiles ont été réalisés, des œuvres habitées par la présence des différents êtres qui font partie, avec KOTKUPHI, du même groupe d'esprits de chasseurs, comme le serpent corail et la *formiga pintada*⁷. Les images présentent également les peintures qui recouvrent les corps des membres de ce groupe rituel, ainsi que leurs objets, tels que leurs flèches et MĪMĀNĀN, en plus de représenter aussi des moments marquants des rituels réalisés lors des visites des KOTKUPHI dans les villages.

La seconde série d'ateliers de formation artistique a eu lieu un peu plus d'un an plus tard, en octobre 2023, et a connu une importante participation de jeunes et d'enfants. La nouvelle technique apprise pendant ces ateliers a été la production de pochoirs et de tampons, donnant forme à des affiches qui ont été collées sur les murs du centre de santé de la communauté, ainsi qu'à des motifs reproduits sur les tissus des robes des femmes. Au cours de ce dernier cycle d'ateliers, aucune indication thématique n'a été donnée quant à la signification des travaux qui seraient réalisés. Le résultat de ce choix a été la création de dessins, d'aquarelles, de peintures sur toile et de textiles dans lesquels apparaissent de très nombreux YĀMĪY, tels que XOKIX, l'esprit du Tamanoir, LĪTA, l'esprit du Dragon, MŌGMŌGKA, l'esprit du Faucon, YĀMĪYHEX, les Femmes-esprits, et surtout XŪNĪM, l'esprit de la Chauve-souris, présents dans un grand nombre des œuvres créées.



TISSUS PEINTS

Les peintures sur tissu ont été réalisées lors du dernier atelier qui s'est tenu à L'ALDEIA-ESCOLA-FLORESTA en octobre 2023. Elles sont le fruit des recherches que les femmes ont menées collectivement, au cours des séances de peinture, pour décorer les robes traditionnelles qu'elles cousent pour des occasions spéciales, comme la Journée des peuples indigènes, célébrée le 19 avril.

Dans ce récent cycle d'ateliers, elles ont élargi leurs recherches des étroites bandes de tissu qu'elles peignent pour les robes à ces pièces plus grandes, habituellement utilisées comme torchons. Les images peintes représentent autant le passage des YĀMÍYXOP – les esprits de la Mata Atlântica – dans les villages MAXAKALI, que leur rêve de voir leur territoire de nouveau recouvert par la forêt.

ANILZINHA MAXAKALI, DELCIDA MAXAKALI, ELIANA MAXAKALI,
JUANA MAXAKALI, JULIANA MAXAKALI, JUPIRA MAXAKALI,
MARCIANA MAXAKALI, MARIENEIDE MAXAKALI, TAXNA MAXAKALI,
VILMARA MAXAKALI, ZILDA MAXAKALI E ZEZÃO MAXAKALI

Sans titre, 2023

Peinture sur tissu 47 x 70 cm (chaque)







MÔGMÔGKA TAP

par Paula Berbert

Sur la toile, nous voyons MÔGMÔGKA TAP sous deux des formes que peut prendre son image: à gauche, en tant qu'esprit, vêtu de paille et la peau peinte en rouge, tel qu'il vient chanter au village ; et à droite, sous la forme d'un oiseau, dont on ne sait s'il se pose ou s'envole de son MÌMĀNĀN [mât rituel]. MÔGMÔGKA TAP se distingue dans la vision du monde des MAXAKALI par le fait de garder en lui un des souvenirs de la disparition des forêts qui recouvraient le territoire traditionnel de ce peuple.

Un des chants de MÔGMÔGKA TAP raconte qu'un jour il partit dans le monde pour voir d'autres forêts et que, lorsqu'il fut loin, la forêt où il vivait lui manqua, en particulier son arbre préféré. MÔGMÔGKA TAP décida de rentrer chez lui et décrit dans ce chant tout ce qu'il avait vu d'en haut durant son voyage de retour : le ciel, les nuages, les montagnes, les rivières, les animaux. Mais en s'approchant, il se rendit compte que tout était différent: il n'y avait plus de grands arbres ni de gibier, mais seulement de l'herbe. Arrivé à l'endroit où il espérait trouver son arbre préféré, MÔGMÔGKA TAP se posa tristement sur le poteau d'une clôture en fil de fer barbelé qui marquait la limite d'une des *fazendas*⁸ des envahisseurs blancs.



VILMARA MAXAKALI

Yämïyhex [Femmes-esprits], 2023

Acrylique sur toile

52 x 42 cm

ELIANA MAXAKALI

Xünim äta [Chauve-souris rouge], 2023

Acrylique sur toile

52 x 42 cm

ELIANA MAXAKALI

Lïta [Dragon], 2023

Acrylique sur toile

31,3 x 43,0 cm



SUELI MAXAKALI

Mögmögka tap [Faucon noir], 2023

Acrylique sur toile

85,5 x 90,0 cm

KOTKUPHI, L'ESPRIT DU MANIOC

par Paula Berbernt

Les toiles évoquent l'univers rituel de KOTKUPHI, l'esprit du manioc, en soulignant la présence des différents êtres qui composent avec lui le même groupe d'esprits de chasseurs, comme le serpent corail et la *formiga pintada*, et de gibier, comme le pécarari. Les motifs graphiques qui caractérisent les corps de ces animaux représentent non seulement les corps des esprits KOTKUPHI, lorsqu'ils rendent visite aux MAXAKALI pour chasser et accomplir des rituels, mais aussi ceux de leurs objets, comme leurs flèches acérées ou leurs MĪMĀNĀN, qui sont les mâts rituels indiquant leur présence dans les villages.

Les œuvres représentent également des moments marquants des visites des KOTKUPHI dans les villages, comme lorsque les femmes leur offrent des cadeaux suspendus à des perches, ou encore lorsque les KOKTIX XOP, les esprits du singe capucin, sortent en chantant sur la place du village, en direction de la barrière de paille et de bois qui protège le KUXEX, la maison des chants, lors du passage des KOTKUPHI. Les KOKTIX XOP s'amuse à grimper sur les perches les plus hautes, sans jamais tomber au sol, faisant rire tous ceux qui les regardent

Le tableau XOK XAXUP [cuir suspendu] illustre l'une des caractéristiques les plus frappantes des visites de KOTKUPHI, l'esprit du manioc, dans les villages MAXAKALI, à savoir la nécessité de créer une barrière de protection autour du KUXEX. Cela est à la fois dû à la personnalité irritable de KOTKUPHI et à la peur qu'ont ces esprits d'être tués. Les anciens racontent qu'une fois, avant que n'existe la coutume de protéger les KUXEX lors de leur passage dans le village, un grillon s'était introduit dans la cabane rituelle et avait tué tous les KOTKUPHI. C'est pourquoi, lorsqu'ils viennent chanter avec les MAXAKALI, ils demandent toujours à leurs mères humaines de protéger la maison des chants.

Autrefois, lorsque le gibier était encore abondant, le KUXEX était entouré d'une série de peaux de différents types de jaguars: tacheté, brun, noir et rouge, alternées avec différents types de MĪMĀNĀN des KOTKUPHI. Aujourd'hui que les jaguars ont disparu à cause de la destruction des forêts, la veille de l'arrivée des esprits du manioc pour les rituels dans les villages, les femmes entourent le KUXEX de paille et de piquets ; ou, lorsqu'elles n'en trouvent pas sur leur territoire, elles entourent l'espace de couvertures, pour se protéger elles-mêmes de la colère des KOTKUPHI et les KOTKUPHI eux-mêmes de l'agressivité des grillons.



SUELI MAXAKALI
Kotkuphi yög Kutex xi Ägtux
2022
Acrylique sur toile / 37,8 x 40 cm



JULIANA MAXAKALI
Kot pex mïy
2022
Acrylique sur toile / 36,7 x 40,1 cm



JULIANA MAXAKALI
Kot pex mïy
2022
Acrylique sur toile / 36,7 x 40,1 cm



SUELI MAXAKALI
Xok xaxup
2023
Acrylique sur toile / 85 x 129 cm

SUELI MAXAKALI

Kotkuphi yög Kutex xi Ägtux [L'esprit du singe capucin], 2022
Série « Kotkuphi yög Kutex xi Ägtux »
[Chants et histoires de l'esprit du manioc].
Acrylique sur toile / 37,8 x 40 cm

JULIANA MAXAKALI

Kot pex mïy [En faisant des beijus⁹], 2022
Série « Kotkuphi yög Kutex xi Ägtux »
[Chants et histoires de l'esprit du manioc].
Acrylique sur toile / 36,7 x 40,1 cm

SUELI MAXAKALI

Xok xaxup [Cuir suspendu], 2023
Acrylique sur toile / 85 x 129 cm

ISAEEL MAXAKALI

Kotkuphi yög yäy xex ax
[La peinture de Kotkuphi], 2022
Série « Kotkuphi yög Kutex xi Ägtux »
[Chants et histoires de l'esprit du manioc].
Acrylique sur toile / 98,5 x 85,5 cm



VONINHO MAXAKALI ET VERONILDO MAXAKALI

Xupapox te'kohok xap paha tex xux tex ti hĩ hãmhipax xipekok

[Esprit de la loutre ramassant un bâton de tabac, la forêt et le ciel], 2022

Série « Kotkuphi yög Kutex xi Ägtux »

[Chants et histoires de l'esprit du manioc].

Acrylique sur toile / 145 x 110 cm

LES YĀMĪYXOP

par Paula Berbent

Les YĀMĪYXOP sont les innombrables peuples-esprits de la *Mata Atlântica* qui, depuis les temps les plus reculés, visitent les villages MAXAKALI pour chanter, danser, guérir, jouer, chasser et manger. Toujours nombreux et divers, les YĀMĪY se manifestent sous les formes les plus variées, tous différents les uns des autres. Ils peuvent être invisibles et minuscules, habitant les cheveux de leurs parents humains, ils peuvent être leurs propres chants, ils peuvent avoir des formes animales et peuvent même s'incarner de manière splendide lors de leurs rituels, masqués et portant de magnifiques peintures qui les ornent et les colorent.



VONINHO MAXAKALI
Xupapox yãmĩyxop
[L'esprit de la loutre], 2022
Série « Kotkuphi yög Kutex xi Ägtux »
[Chants et histoires de l'esprit du manioc]
Acrylique sur toile / 36 x 39,7 cm



VONINHO MAXAKALI
Xupapox yãmĩyxop
[L'esprit de la loutre], 2022
Série « Kotkuphi yög Kutex xi Ägtux »
[Chants et histoires de l'esprit du manioc]
Acrylique sur toile / 36 x 39,7 cm



MARCINHO MAXAKALI
Kotkuphi te xapupnäg tux
[Kotkuphi tire une flèche pour tuer un pécarí], 2022
Série « Kotkuphi yög Kutex xi Ägtux »
[Chants et histoires de l'esprit du manioc]
Acrylique sur toile / 41 x 36,8 cm



MARCOS MAXAKALI
Xokix [Tamanoir], 2023
Acrylique sur toile 79,5 x 98,0 cm

VONINHO MAXAKALI

Xupapox yãmĩyxop

[L'esprit de la loutre], 2022

Série « Kotkuphi yög Kutex xi Ägtux »

[Chants et histoires de l'esprit du manioc]

Acrylique sur toile / 36 x 39,7 cm

MARCINHO MAXAKALI

Kotkuphi te xapupnäg tux

[Kotkuphi tire une flèche pour tuer un pécarí], 2022

Série « Kotkuphi yög Kutex xi Ägtux »

[Chants et histoires de l'esprit du manioc]

Acrylique sur toile / 41 x 36,8 cm

MARCOS MAXAKALI

Xokix [Tamanoir], 2023

Acrylique sur toile 79,5 x 98,0 cm



SUELI MAXAKALI EN
COLLABORATION AVEC
JULIANA MAXAKALI,
ISABEL MAXAKALI,
PARQUINHO GRÁFICO
ET FLOR DE KANTUTA
Mimãñã de Xünim, 2023
Acrylique sur tissu
600 x 100 cm



BAHSERIKOWI, CENTRO DE MEDICINA E ESCOLA VIVA TUKANO

O Centro de Medicina Indígena Bahserikowi está localizado no centro da cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas. Sua fundação nessa cidade foi uma escolha estratégica para impactar as universidades e as instituições públicas e promover a mudança da opinião pública sobre a medicina indígena.

Os especialistas kumuã que atuam no Centro de Medicina Indígena Bahserikowi são originários dos povos Yepamahsã (Tukano), Htãpirõ-porã (Tuyuca) e Hmukori-mahsã (Desana), das comunidades indígenas do Alto Rio Tiquié, afluente do Rio Uaupés, Alto Rio Negro.

O atendimento é feito para o público em geral, indígenas e não indígenas. O kumu fica à disposição para atender as pessoas e cuidar delas com bahse e plantas medicinais.

As tecnologias de cuidado com a saúde e a cura acionadas no Centro de Medicina Indígena Bahserikowi são, fundamentalmente, bahse (mais conhecidos como benzimentos) e plantas medicinais.

Bahse são fórmulas metaquímicas e metafísicas evocadas pelos especialistas para proteção, tratamento e cura.

Em outros termos, bahse é o poder e a habilidade dos especialistas (kumuã) em evocar as substâncias curativas dos vegetais, minerais e animais.

Os povos indígenas usam
as plantas medicinais desde sempre.

A floresta guarda todos os tipos de remédios.

Na casa há também remédios naturais para venda. São chás, pomadas, mel, copaíba, andiroba, breu branco para defumação, cascas, raízes, folhas e flores secas medicinais.

BAHSEKOWI, CENTRE DE MÉDECINE ET ÉCOLE VIVANTE TUKANO - DESSANO - TUYUCA

Coordinateurs: João Paulo Lima Barreto et
Anacleto Barreto avec Carla Wisu, Ivan Tukano,
Dunvalino Kisibi, Pedro Tukano,
Janicleia Pedrosa et Janine Fontes

Le Centre de médecine indigène BAHSEKOWI est situé dans le centre de Manaus, la capitale de l'État d'Amazonas. La création de BAHSEKOWI à Manaus a été un choix stratégique visant à agir sur les universités et les institutions publiques ainsi qu'à promouvoir un changement de l'opinion publique à l'égard de la médecine indigène.

Aujourd'hui, BAHSEKOWI est une référence nationale en matière de soins de santé utilisant des technologies véritablement indigènes.

Les spécialistes KUMUĀ qui travaillent au Centre de médecine sont issus des communautés indigènes YEPAMAHSĀ (TUKANO), UTĀPIRŌ-PORĀ (TUYUCA) et UMUKORĪ-MAHSĀ (DESSANO) du haut Rio Tiquié, affluent du Rio Uaupés, dans le Haut-Rio Negro.

Le programme est ouvert au public de façon générale, qu'il soit indigène ou non-indigène. Le KUMU est disponible pour des consultations individuelles et pour soigner avec des BAHSESE et des plantes médicinales.

Clara Almeida



Les technologies de soin et de guérison utilisées dans le BAHSEKOWI sont essentiellement les BAHSESE (connus sous le nom de « bénédictions ») et les plantes médicinales.

Les BAHSESE sont des formules métachimiques et métaphysiques invoquées par les spécialistes à des fins de protection, de traitement et de guérison.

En d'autres termes, les BAHSESE constituent le pouvoir et la capacité des spécialistes (KUMUĀ) à évoquer les substances curatives des plantes, des minéraux et des animaux.

Les peuples indigènes ont toujours utilisé des plantes médicinales. La forêt recèle toutes sortes de remèdes.

Au Centre, il y a aussi des remèdes naturels en vente. On y trouve des thés, des pommades, du miel, du *copaiba*, de l'*andiroba*, du *breu branco* pour la fumigation, des écorces, des racines, des feuilles et des fleurs médicinales séchées.







ESSENCE DE BOTA
huile

Pour la séduction
Village de Tauá Mirim
Municipalité de Tapauá



BOIS DE ROSE
huile / 100 ml

Cicatrisante,
anti-rhumatismale et
hydratante
Municipalité de Labrea



ANDIROBA
huile / 100 ml

Anti-inflammatoire,
anti-rhumatismale,
cicatrisante et répulsive
Municipalité de Labrea



SÈVE DE JATOBA
thé / 600 ml

Asthme, prostate, foie,
pneumonie, rhumatismes,
douleurs, hémorroïdes, voies
urinaires et tumeurs cutanées.
Village de Tauá Mirim
Municipalité de Tapauá



HUILE DE NOIX DE COCO
100 ml

Cicatrisante, amincissante,
immunostimulante, hydratante,
santé cardiovasculaire
et thyroïdienne
Municipalité de Labrea



CABOCLA SAUDÁVEL
thé / 600 ml

Hémorroïdes, gastrite, syndrome
des ovaires polykystiques et
cycle menstruel.
Village de Tauá Mirim
Municipalité de Tapauá



POMMADE DE PURAQUÉ

Anti-rhumatismale,
douleurs musculaires,
bursites et maux de tête
Village de Tauá Mirim
Municipalité de Tapauá



COPAÍBA
huile / 100 ml
Anti-inflammatoire
Municipalité de Labrea



GRIFFE DE CHAT
thé / 600 ml

Impuissance sexuelle,
prostate et gastrite.
Village de Tauá Mirim
Municipalité de Tapauá



MIRARUIRÁ
thé / 600ml

Diabète, hypertension artérielle,
triglycérides, glucose
et cicatrisation des plaies.
Village de Tauá Mirim
Municipalité de Tapauá



ELIXIR DE BATATÃO
thé / 600ml

Congestions, hémorragies,
constipation, œdèmes,
inflammations,
douleurs et fièvres.
Village de Tauá Mirim
Municipalité de Tapauá



SIROP DE TERMITES
150 ml

Complément alimentaire.
Municipalité de Labrea



**AGENT AMINCISSANT
RÉGIONAL**
thé / 600ml

Perte de poids, régulateur d'acide
urique et de cholestérol, graisse du
foie, diurétique et aide digestive.
Village de Tauá Mirim



FORÊT VIVANTE
thé / 600ml

Foie, reins, vésicule biliaire, rate,
anémie, hypertension, maux de tête
et maladies malignes.
Village de Tauá Mirim



SIROP DE CUMARU
150ml

Bronchite, grippe, toux
et maux de gorge.
Municipalité de Labrea



FORTIFIANT
thé / 600ml

Mémoire, hépatite, anxiété
et malaria. Tonifiant, purifiant
et anti-rhumatismal.
Village de Tauá Mirim



POBRE VELHO
feuilhes

Infections urinaires, diabète et piqûres d'insectes.
Village de Tauá Mirim
Municipalité de Tapauá



BOLDO
feuilhes

Foie et mauvaise digestion.
Village de Tauá Mirim
Municipalité de Tapauá



SUCUBA
écorce

Gastrite, ulcères, prévention et guérison du cancer.
Village de Tauá Mirim
Municipalité de Tapauá



AROEIRA
écorce

Leucorrhée, syphilis et toilette intime.
Village de Tauá Mirim
Municipalité de Tapauá



MÛRES
gélules

Ménopause, ostéoporose. Diurétique, anti-inflammatoire et antioxydant.
Municipalité de Labrea



BREU
résines

Fumage
Communauté d'Acajatuba
Municipalité d'Iranduba



CARAPANAÚBA
écorce

Anti-inflammatoire, contraceptif et cicatrisant.
Village de Tauá Mirim
Municipalité de Tapauá



SARA TUDO
écorce

Diarrhée, hémorroïdes, inflammation de l'utérus.
Village de Tauá Mirim
Municipalité de Tapauá



PAU TENENTE
écorce

Perte de poids, régulation du cholestérol et digestion.
Village de Tauá Mirim
Municipalité de Tapauá



ANDIROBA
gélules

Anti-inflammatoire, anti-rhumatismal, cicatrisant.
Municipalité de Labrea



**BAHSEKOWI,
CENTRO DE MEDICINA
E ESCOLA VIVA TUKANO**

O Centro de Medicina Indígena Bahserikowi está localizado no centro da cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas. Sua fundação nessa cidade foi uma escolha estratégica para impactar as universidades e as instituições públicas e promover a mudança da opinião pública sobre a medicina indígena.

Os especialistas kumú que atuam no Centro de Medicina Indígena Bahserikowi são originários dos povos Y-pamehsá (Tukano), Utápiré-poré (Tuyuzé) e Umukari-mahá (Desani), das comunidades indígenas do Alto Rio Tiquié, afluente do Rio Uaupés, Alto Rio Negro.

O atendimento é feito para o público em geral, indígenas e não indígenas. O kumú fica à disposição para atender as pessoas e cuidar delas com bahse e plantas medicinais.

As tecnologias de cuidado com a saúde e a cura adotadas no Centro de Medicina Indígena Bahserikowi são fundamentalmente, bahse. Imaís conhecidos como benzimentos e plantas medicinais.

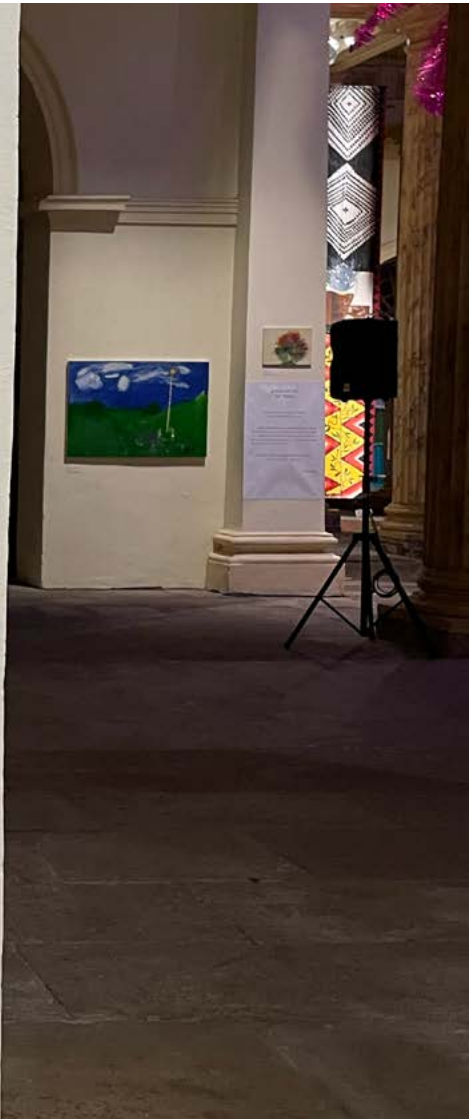
Bahse são fórmulas metaquímicas e metafísicas evocadas pelos especialistas para proteção, tratamento e cura.

Em outros termos, bahse é o poder e a habilidade dos especialistas (kumú) em evocar as substâncias curativas dos vegetais, minerais e animais.

Os povos indígenas usam as plantas medicinais desde sempre.
A floresta guarda todos os tipos de remédios.

Na casa há também remédios naturais para venda. São chás, pomadas, mel, copaiba, andiroba, breu branco para defumação, cascas, raízes, folhas e flores secas medicinais.

João Paulo Lima Barreto





A ESCOLA VIVA BANIWA

A nossa cultura é a nossa força de amanhã,
para os filhos de hoje e as futuras gerações!

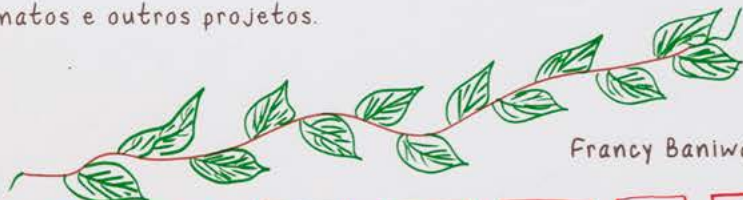
A ESCOLA VIVA é uma grande conquista para o povo Baniwa, que vive no noroeste amazônico, na Terra Indígena Alto Rio Negro, no município de São Gabriel da Cachoeira (AM). Nesse território, residem 23 povos de diferentes línguas, culturas e religiões.

É o território mais indígena do Brasil.

A ESCOLA VIVA Baniwa nasce do trabalho feito ao longo de seis anos de pesquisa e escrita do livro 'Umbigo do Mundo', de autoria de Francy Baniwa, em diálogo com seu pai, Francisco Luiz Fontes (Matsaape), narrador das histórias orais tradicionais, e com seu irmão Frank Fontes Baniwa (Hipattairi), autor de 74 aquarelas, das quais 28 se encontram nesta sala. A ESCOLA VIVA Baniwa nasce, assim, por meio das narrativas, que são nosso guia para o bem viver.

É importante que se tenha consciência, que nunca se percam as línguas originárias, elas carregam em si riquezas de conhecimentos diversos da vida e da natureza.

Juntamente com a comunidade Assunção do Içana, onde vivemos, olhamos a ESCOLA VIVA como o futuro. Temos muitos sonhos e demandas e, por meio dessa iniciativa, vamos poder trabalhar em coletivo para fortalecer as línguas indígenas, Nheengatu e Baniwa, nas famílias e em ambientes comunitários, nossas danças e cantos, artesanatos e outros projetos.



Francy Baniwa

L'ÉCOLE VIVANTE BANIWA

par Francy Baniwa, coordinatrice
avec son père, Francisco Fontes Baniwa

**Notre culture est notre force pour demain,
pour les enfants d'aujourd'hui et les générations futures!**

L'ÉCOLE VIVANTE BANIWA est une grande conquête pour le peuple Baniwa, qui vit dans le nord-ouest de l'Amazonie, sur la Terre Indigène Alto Rio Negro, dans la municipalité de São Gabriel da Cachoeira (Amazonas). Ce territoire abrite 23 peuples de langues, de cultures et de religions différentes. C'est le territoire le plus indigène du Brésil.

L'ÉCOLE VIVANTE BANIWA est née de six années de recherche et de rédaction du livre *Umbigo do Mundo* [Nombril du monde]. Ce livre a été écrit par FRANCY BANIWA en dialogue avec son père, FRANCISCO LUIZ FONTES BANIWA (MATSAAPE), conteur d'histoires orales traditionnelles, et son frère FRANK FONTES BANIWA (HIPATTAIRI), auteur de 74 aquarelles, dont 31 sont présentées dans la salle d'exposition. L'ÉCOLE VIVANTE BANIWA est donc née des récits qui nous guident pour bien vivre.

Selon notre culture millénaire, nous sommes l'héritage laissé par HEEKO, un démiurge, dans la Terre-pierre, le centre de formation et d'origine de l'humanité, situé à HIIPANA (EENO HIEPOLEKOA ou nombril du monde) à Uapuí-Cachoeira, sur le Rio Ayari. C'est là qu'est apparue l'humanité, en particulier le peuple BANIWA, ses clans et ses territoires. De nos dieux, nous avons hérité d'une vaste étendue de terre,

Clara Almeida

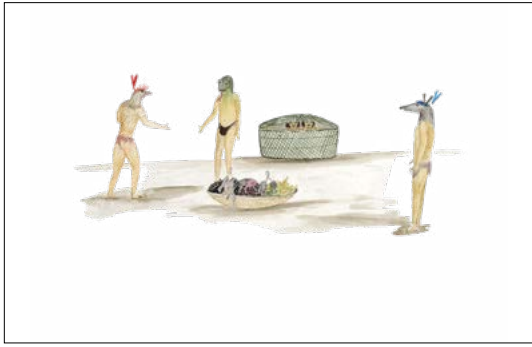


délimitée par un ensemble de marques (pétroglyphes) qui définissent le territoire de chaque clan de notre peuple depuis des temps immémoriaux. Ce sont ces démarcations historiques et ancestrales qui permettent le contrôle, la gouvernance et la gestion de l'environnement sur notre territoire.

Notre terre est notre centre du monde, qui nous permet de nous situer par rapport aux quatre coins de la planète. C'est d'ici que, lorsque nous nous réveillons chaque jour, nous savons où le soleil se lèvera, quelle sera sa trajectoire et où il ira se reposer. C'est le point d'ancrage de notre esprit et de notre âme, depuis nos ancêtres jusqu'à aujourd'hui et pour toujours. Pour nous, indigènes, la terre fait partie d'un univers complexe, que nous appelons HEKOAPI, divisé en plusieurs couches, chacune habitée par des êtres, des dieux et des esprits spécifiques. La terre est la partie centrale, le milieu des mondes. C'est là que nous, indigènes, acquérons nos connaissances et entrons en relation avec les autres couches. Pour nous, la terre est comme une mère qui prend soin de ses enfants à la conception, qui en prend soin à la naissance, qui en prend soin lorsqu'ils grandissent, qui en prend soin à l'âge adulte, qui en prend soin lorsqu'ils deviennent vieux et qui en prend soin, de nouveau, à la fin de leur vie. Elle en prend soin jusqu'à leur retour à la terre. C'est pourquoi nous avons une relation très respectueuse avec la terre.

L'ÉCOLE VIVANTE est là pour renforcer les langues NHEENGATU et BANIWA. Il est important d'en être conscient afin de ne jamais perdre les langues indigènes d'origine, qui portent en elles une richesse de connaissances diverses sur la vie et la nature. Les parents doivent continuer à parler leur langue avec leurs enfants au quotidien. Les parents doivent faire comprendre aux enfants que la langue qu'ils parlent a la même valeur et la même importance que le portugais et les autres langues nationales. L'enseignement doit toujours encourager les pratiques culturelles et linguistiques dans la danse, la musique, le théâtre, dans les communautés en partenariat avec l'école, toujours dans les langues paternelles et maternelles. L'alphabétisation (orale et écrite) doit toujours se faire dans la langue paternelle ou maternelle et seulement ensuite en portugais. Il est intéressant d'adopter la méthode de « l'enseignement par la recherche » afin de préparer les élèves à devenir des chercheurs sur leur propre langue à la fin de l'école secondaire. Du matériel pédagogique devrait être produit dans les langues indigènes pour l'alphabétisation, l'enseignement primaire et secondaire.

Avec la communauté d'Assunção do Içana, nous considérons L'ÉCOLE VIVANTE comme l'avenir. Nous avons beaucoup de rêves et de demandes et, grâce à cette initiative, nous pourrions travailler collectivement pour renforcer les langues indigènes, nos danses, nos chants et notre artisanat.



FRANK BANIWA

Inambu est allé faire la danse du Dabucuri pour Sucurijú et ses filles, 2023

Aquarelle sur papier

29,7 x 42,0 cm

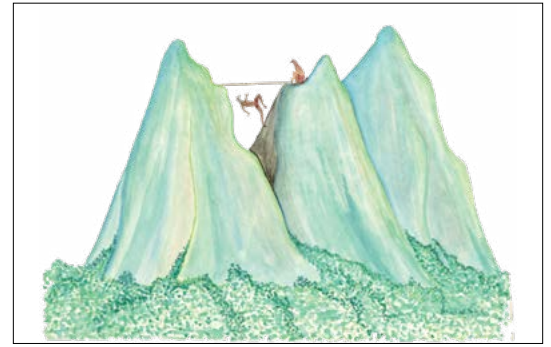


FRANK BANIWA

Chemin avec deux plumes, 2023

Aquarelle sur papier

29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA

Inambu tue Mucura dans la chaîne de montagnes de Waliitshi Dzapani, 2023

Aquarelle sur papier

29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA

La grand-mère de Mucura découvre que son petit-fils a été tué, 2023

Aquarelle sur papier

29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA

Un garçon trouve un morceau d'os d'Inambu, 2023

Aquarelle sur papier

29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA

La grand-mère de Mucura cuisine le coeur de son petit-fils tué par Inambu, 2023

Aquarelle sur papier

29,7 x 42,0 cm

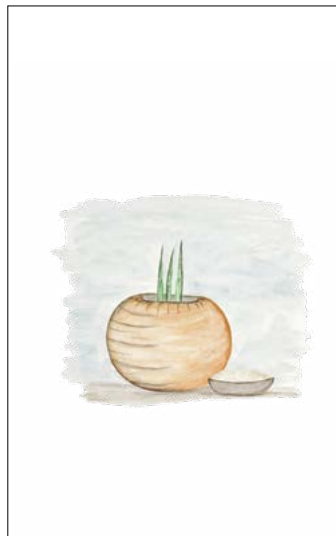


FRANK BANIWA

La grand-mère a trouvé trois dzoodzo dans le lac Ipekokalitani, 2023

Aquarelle sur papier

29,7 x 42,0 cm

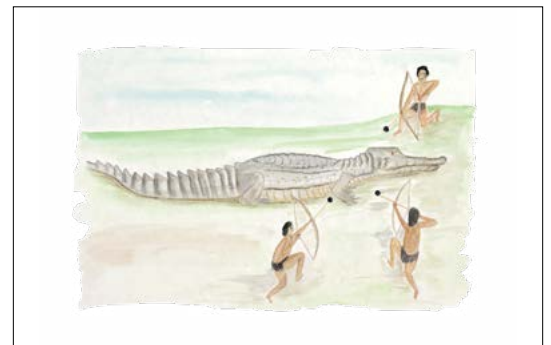


FRANK BANIWA

Dzoodzo à l'intérieur d'un kowaida, 2023

Aquarelle sur papier

29,7 x 42,0 cm

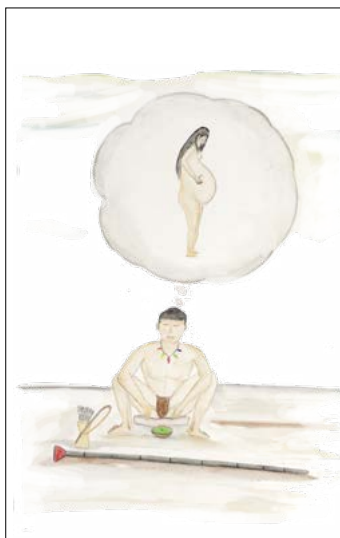


FRANK BANIWA

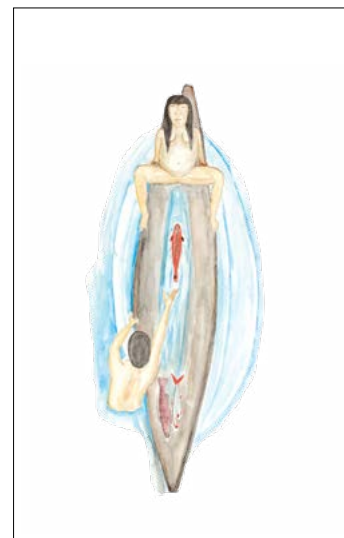
Les hekoapinai tirent des flèches sur leur grand-père, 2023

Aquarelle sur papier

29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA
Par la pensée, Ñapirikoli met sa tante
Amaro enceinte, 2023
Aquarelle sur papier
29,7 x 42,0 cm



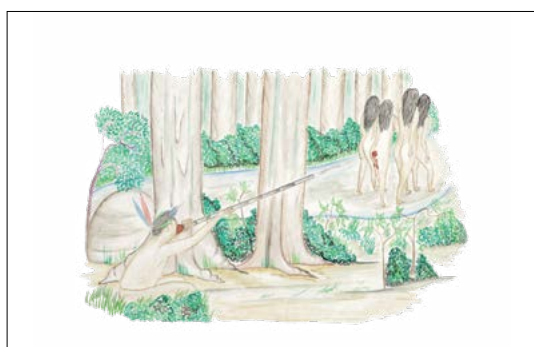
FRANK BANIWA
Ñapirikoli crée le premier vagin
et la naissance de Kowai, 2023
Aquarelle sur papier
29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA
Cet enfant n'est pas mon fils, 2023
Aquarelle sur papier / 29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA
Amaro et les femmes se sont enfuies, 2023
Aquarelle sur papier / 29,7 x 42,0 cm



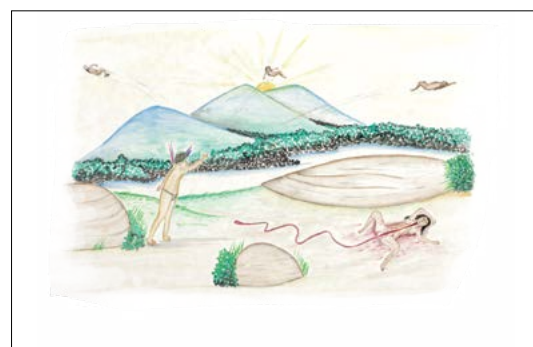
FRANK BANIWA
Ñapirikoli lui a tiré une flèche
dans les fesses, 2023
Aquarelle sur papier / 29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA
Ñapirikoli se transforme en
petit crapaud, 2023
Aquarelle sur papier / 29,7 x 42,0 cm



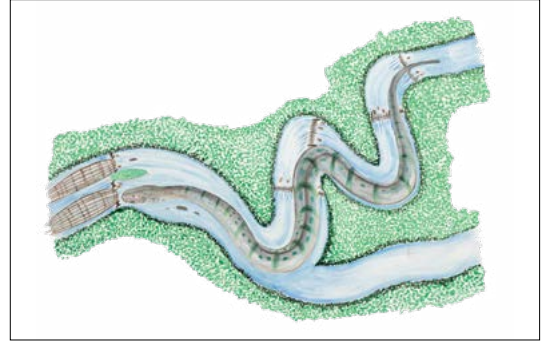
FRANK BANIWA
Les jambes en tige d'arouma de
Ñapirikoli et de son frère à partir
de la bénédiction, 2023
Aquarelle sur papier / 29,7 x 42,0 cm



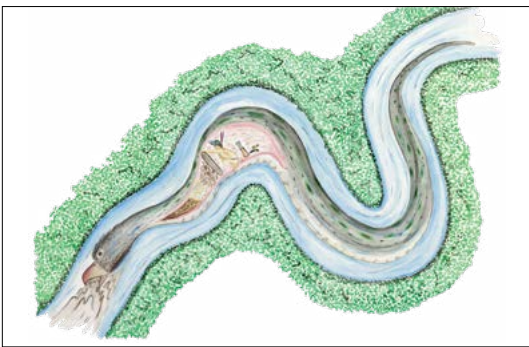
FRANK BANIWA
La mort d'Amaro, 2023
Aquarelle sur papier / 29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA
liniriwheri l'a tiré de loin,
engendrant un tourbillon, 2023
Aquarelle sur papier
29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA
liniriwheri lors de son voyage dans le haut
Uaupés à São Gabriel da Cachoeira, 2023
Aquarelle sur papier
29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA
Koitsínawheri descendant avec lui la
rivière en direction de l'océan, 2023
Aquarelle sur papier
29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA
Carte, 2023
Aquarelle sur papier
29,7 x 42,0 cm



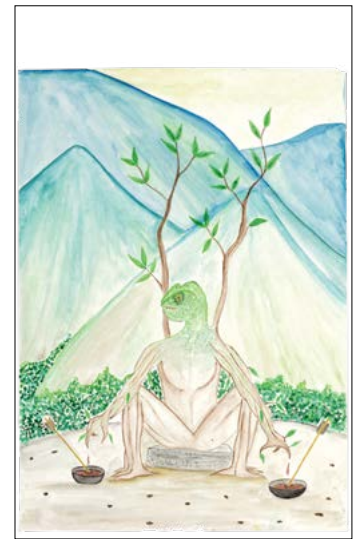
FRANK BANIWA
Kaali, le seigneur des
plantations, 2023
Aquarelle sur papier
29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA
Pinaiwali, 2023
Aquarelle sur papier
29,7 x 42,0 cm



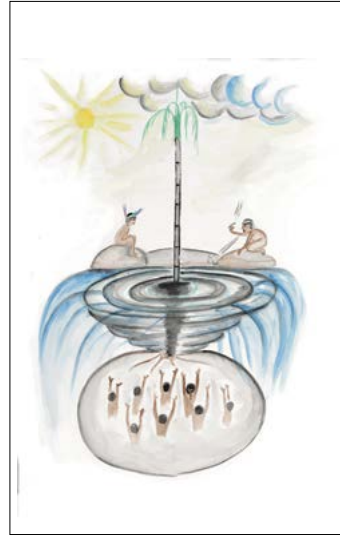
FRANK BANIWA
Kowaii, 2023
Aquarelle sur papier
29,7 x 42,0 cm



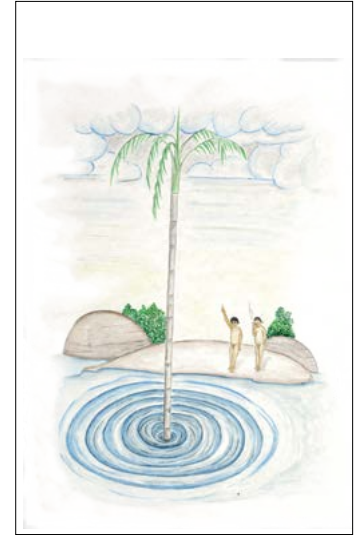
FRANK BANIWA
Káattiwa, le seigneur
du Wirari, 2023
Aquarelle sur papier
9,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA
Dzóoli a soufflé sa cigarette sur
leurs corps et leurs têtes alors qu'ils
sortaient du trou, 2023
Aquarelle sur papier
29,7 x 42,0 cm



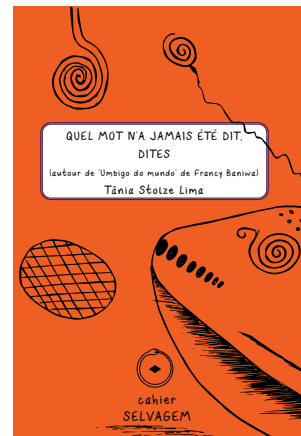
FRANK BANIWA
Nombriil du monde, 2023
Aquarelle sur papier
29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA
Piège en bois de paxiúba
pour tuer Ñapirikoli, 2023
Aquarelle sur papier
29,7 x 42,0 cm



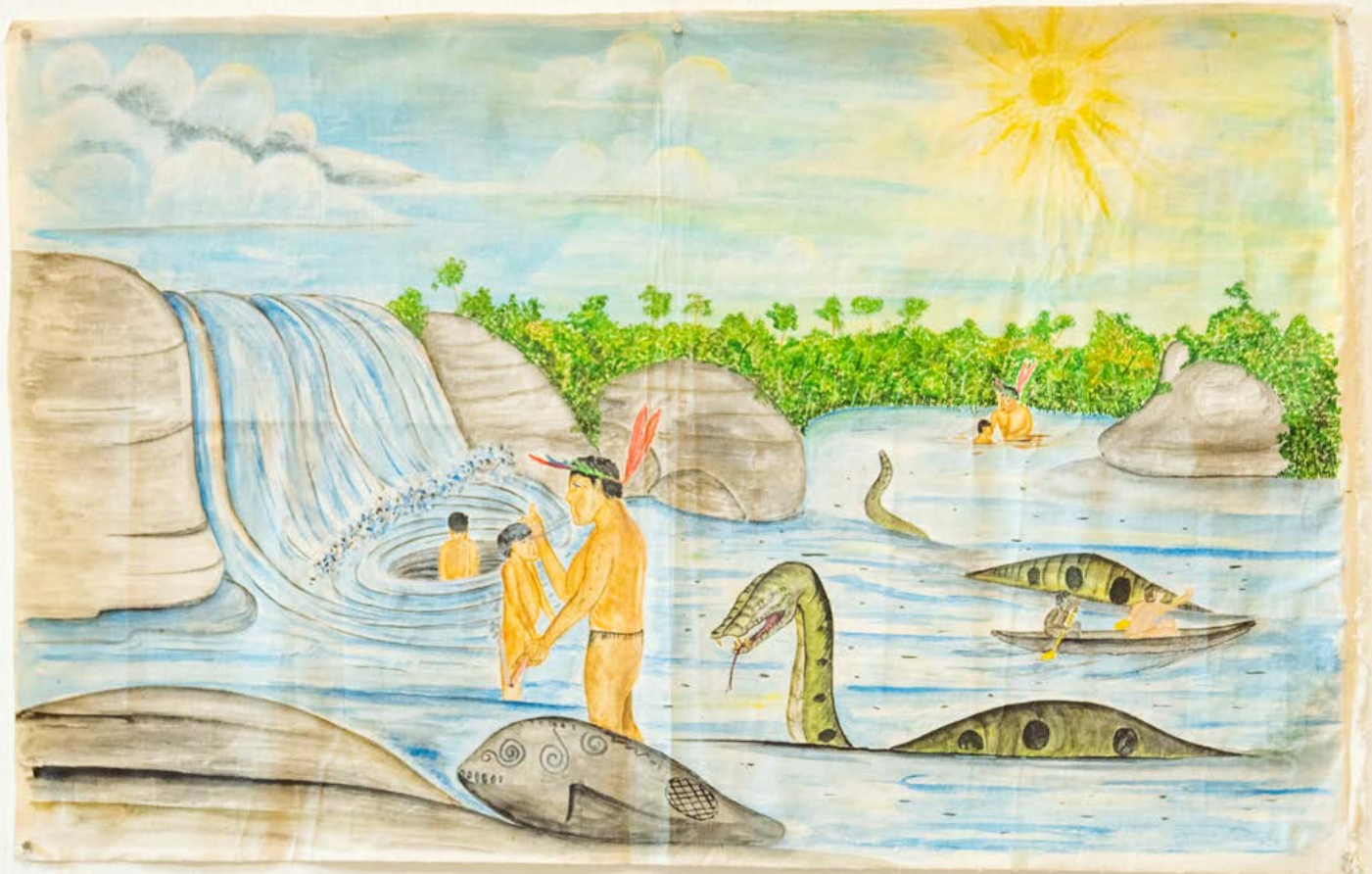
Les 74 aquarelles ont été
réalisées pour le livre [Umbigo
do Mundo](#) [Nombriil du monde],
où l'on peut se plonger dans la
cosmologie du peuple BANIWA.



Nous vous invitons également
à lire le [cahier Selvagem](#) de
Tânia Stolze Lima.



La sortie de [Umbigo do Mundo](#) a
coïncidé avec une veillée sur l'oralité
au Musée national en 2023. Les
enregistrements de cette nuit autour
du feu sont disponibles en ligne dans
le cycle des [Mémoires ancestrales](#).



FRANK BANIWA

Naissance de l'humanité à Wapui Cachoeira, 2023

Acrylique sur toile

52 x 83 cm

NAISSANCE DE L'HUMANITÉ À WAPUI CACHOEIRA

par Francy Baniwa

Après tous les événements, toutes les transformations, *ŊAPIRIKOLI* se rendit compte qu'il n'y avait plus rien à faire, car tout avait déjà été fait par lui. C'est alors qu'il commença à penser à nous, les êtres humains. *ŊAPIRIKOLI* appela *DZOLI*, le seigneur de la bénédiction. *DZOLI* fabriqua un support pour y mettre sa cigarette. Puis *ŊAPIRIKOLI* dit: Je veux que mon fils *HOHOODEMI* (Inambu) sorte.

Au même moment, les animaux sacrés commencèrent à chanter et à se moquer les uns des autres, depuis les profondeurs de la terre jusqu'à ce monde, en passant par le trou de la cascade de *HIIPANA*. *ŊAPIRIKOLI* était assis là, écoutant les voix des animaux sacrés, et c'est ainsi que naquirent tous les clans, chacun rejoignant son territoire spécifique.



FRANK BANIWA
Naissance de Kowai, 2023
Acrylique sur toile
52,3 x 84 cm

NAISSANCE DE KOWAI par Francy Baniwa

Quand AMARO commença à ressentir les douleurs de l'accouchement, l'enfant ne pouvait pas naître parce qu'elle n'avait pas de vagin. NAPIRIKOLI demanda alors à AMARO de s'asseoir et d'écartier les jambes à la proue de la pirogue, pendant qu'il réfléchissait à la façon de créer un vagin afin que son enfant puisse naître. Il s'est donc attelé à la tâche. La première tentative fut faite avec le poisson ALAAWI [brochet rouge d'Atabapo]. Il le lança par-dessus la proue de la pirogue en direction d'Amaro, mais cela ne fonctionna pas. La deuxième tentative fut faite avec le poisson KEXEKOLI [nez rouge]. Il le lança à nouveau vers AMARO, mais cela ne marcha pas non plus. Elle était sur le point de mourir et ses forces ne tenaient plus qu'à un fil. Finalement, NAPIRIKOLI saisit le poisson WAAWI [jacundá lisse] et le lança sur elle une troisième fois, et cette fois-ci le poisson réussit à transpercer AMARO, concevant ainsi son vagin.



FRANK BANIWA

Kamathawa, seigneur de Maliikai: division du monde Medzeniakonai en niveaux cosmiques, 2023

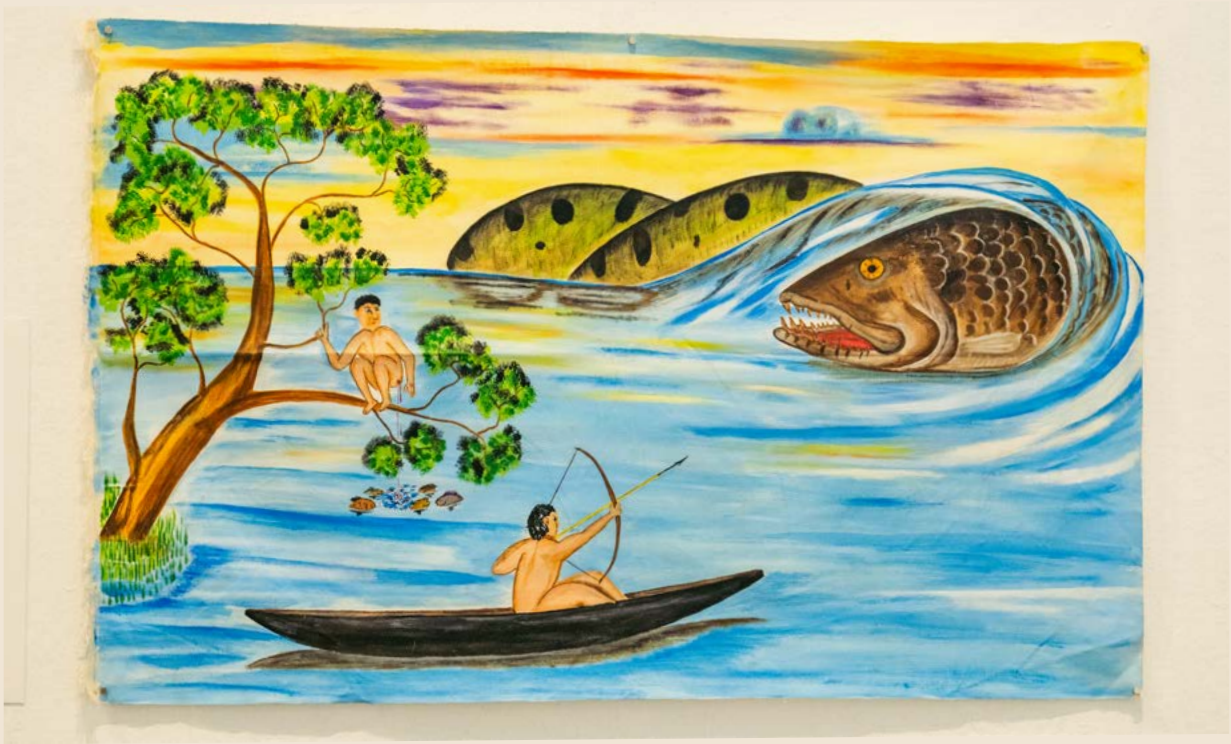
Acrylique sur toile

84 x 106 cm

KAMATHAWA, SEIGNEUR DE MALIIKAI: DIVISION DU MONDE MEDZENIAKONAI EN NIVEAUX COSMIQUES.

par Francy Baniwa

Nous, les BANIWA, affirmons qu'en plus de ces mondes, il en existe d'autres que nous ne pouvons pas percevoir. WAPIŊAKOA, « le lieu de nos os », est l'endroit où les humains vivaient avant de naître dans ce monde. Le niveau intermédiaire est ce monde, HEKOAPI, où vivaient ŊAPIRIKOLI, KAALI, DZOOI, AMARO et d'autres êtres HEKOAPIŊAI, EENONAI et DOEMIENI. Le monde dans lequel nous vivons aujourd'hui était autrefois habité par d'autres types d'êtres humains. Au-dessus de la couche de notre monde se trouve l'autre monde, APAKOA HEKOAPI, où vivent différents esprits et divinités liés aux spécialistes MALIIRI, IŊAPAKAITA et MAADZERO. Seuls les *pajés* ont accès à ce plan grâce à leur pouvoir de voir ces autres mondes, leur *paricá*¹⁰, leur *rapé*¹¹ et leurs rêves, qui les font voyager dans ces autres mondes.



FRANK BANIWA
Iiniriwheri, 2023
Acrylique sur toile
51,5 x 82,4 cm

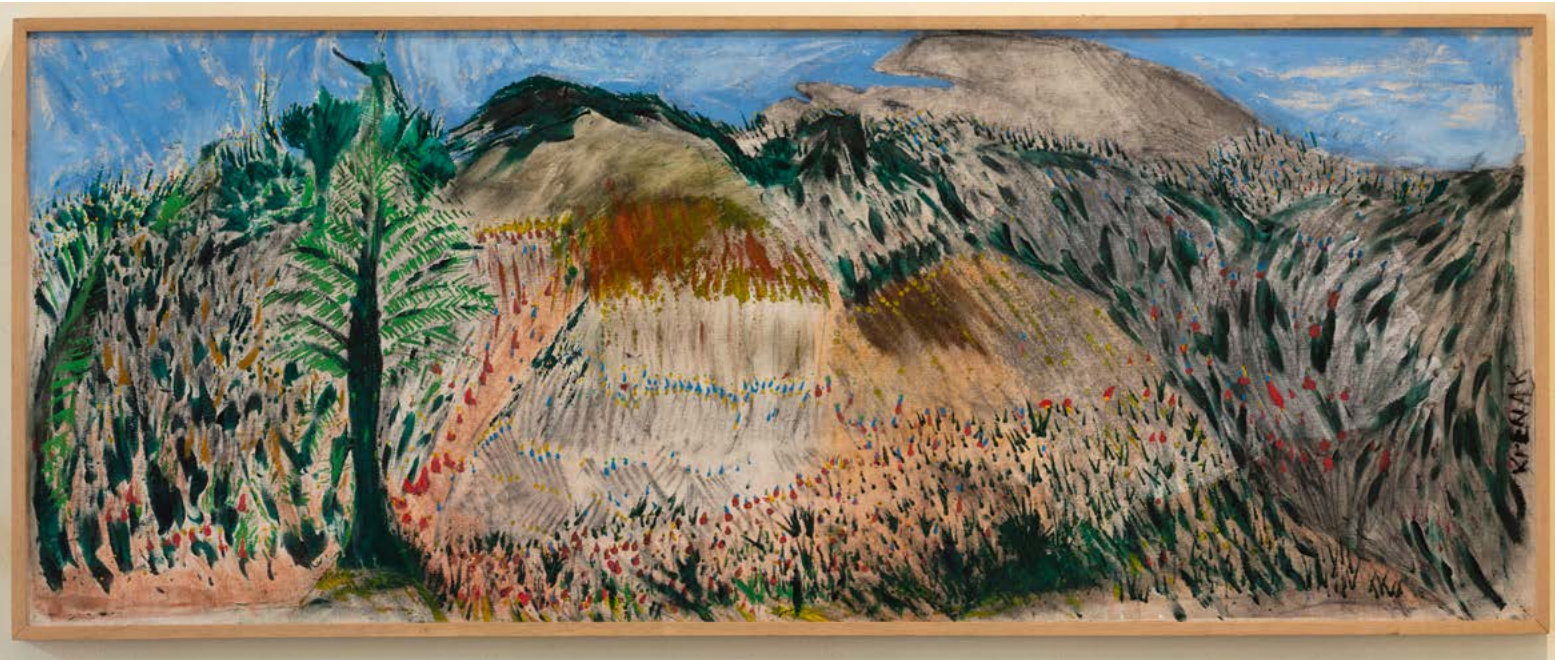
IINIRIWHERI (GRAND-PÈRE TRAIRA)¹²

par Francys Baniwa

IINIRIWHERI était un grand JOOPINAI, un être maléfique et très dangereux, qui prenait la forme d'un énorme anaconda-poisson. À cette époque, HEERI, le neveu de NAPIRIKOLI, était très *marupiara*¹³. Quand il allait à la pêche, il revenait toujours avec beaucoup de poissons. Chaque jour, il prenait sa canne à pêche, disparaissait et revenait bientôt avec beaucoup de poissons. NAPIRIKOLI découvrit que son neveu avait une blessure qui était une vraie *pusanga*¹⁴ qui attirait les poissons. Un jour, NAPIRIKOLI dit à son neveu: « Viens avec moi, je veux tuer beaucoup de poissons ». C'est ainsi qu'il l'emmena avec lui.

Arrivé sur place, NAPIRIKOLI le laissa assis sur une branche de l'arbre IIDZAPA. Un liquide commença à couler de sa blessure, qui attira immédiatement les poissons. NAPIRIKOLI commença à tirer des flèches sur les poissons et fut bientôt très excité de voir tant de poissons vouloir lécher le liquide qui sortait de la blessure et qui s'écoulait dans l'eau. De plus en plus de poissons s'approchaient de lui et de son neveu. Quand celui-ci avertit NAPIRIKOLI qu'IINIRIWHERI arrivait, NAPIRIKOLI n'eut même pas le temps de réagir ; IINIRIWHERI l'entraîna au loin, engendrant un tourbillon. Il n'eut pas le temps de sauver le garçon qui fut dévoré par le grand Traira-Anaconda.

LA PEINTURE D'AILTON KRENAK DANS L'EXPOSITION



AILTON KRENAK
Rangat [Rocher du lézard], 2010
Fusain et huile sur toile
70 x 172 cm

RANGAT - ROCHER DU LÉZARD

Cette œuvre témoigne de ma relation étroite avec le massif de l'Espinhaço, dans la partie méridionale de cette chaîne montagneuse. La Pedreira [Carrière] a été nommée ainsi suite à l'extraction commerciale de la pierre monumentale, un site qui a été classé patrimoine naturel – mesure de protection contre l'intérêt commercial qu'il y avait d'extraire des blocs de marbre à cet endroit. AILTON KRENAK

AILTON KRENAK est un philosophe de la forêt reconnu comme l'un des leaders pionniers du mouvement indigène au Brésil, qui a joué un rôle important dans la Constitution de 1988. Tout au long de son parcours, AILTON a toujours peint des toiles qui, comme ses livres, expriment sa pensée. Sa peinture dialogue avec ce que les ÉCOLES VIVANTES vivent dans leurs territoires: le tissage de l'art, de la beauté, de la connaissance et de l'activisme.

MALOCA DAS CRIANÇAS

Uma ação do Grupo **Crianças** da Comunidade **SELVA-
GEM**, que elabora vivências e materiais lúdicos e pedagógi-
cos com e para crianças. Movimenta-se no sentido de tor-
nar outros mundos possíveis.

O fio condutor é o Sol,
fonte primária da energia da vida.

A partir do Sol, são tecidas pesquisas de histórias
de origem e organizadas oficinas que criam diálogos com
crianças e jovens.

O grupo articula-se com as **ESCOLAS VIVAS** através
de encontros que colaboram para o acordamento e a cria-
ção de memórias pluriversais.

A coordenação é feita por **Veronica Pinheiro**, artis-
ta, brincante, professora da Rede Pública Municipal do
Rio de Janeiro e pesquisadora do ensino de arte para as
relações étnico-raciais como mestranda do Programa de
Pós-graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio
de Janeiro (UERJ).



LA MALOCA DES ENFANTS

Il est temps de raconter des histoires à nos enfants, de leur expliquer qu'ils ne doivent pas avoir peur. Je ne suis pas un prédicateur de l'apocalypse, ce que j'essaie de faire, c'est de partager le message d'un autre monde possible.

AILTON KRENAK, *O amanhã não está à venda* [Demain n'est pas à vendre]

Le groupe Enfants est une initiative de la communauté Selvagem qui développe des expériences et du matériel ludique et pédagogique avec et pour les enfants.

Tout au long de l'année, il organise des rencontres avec des enfants et des enseignants dans les écoles publiques, les musées, les villages indigènes et les quilombos afin de partager des savoirs et des pratiques artistiques et culturelles d'indigènes et d'habitants de quilombos.

Le groupe s'efforce de rendre d'autres mondes possibles. Le fil conducteur du groupe est le soleil, source première de l'énergie vitale. À partir de lui sont tissées des recherches autour d'histoires sur les origines, et le groupe organise des ateliers qui suscitent des dialogues avec les enfants.

Le groupe est en relation avec les ÉCOLES VIVANTES à travers l'expérience de rencontres qui contribuent à l'éveil et à la création de mémoires plurielles.

La coordination est assurée par Veronica Pinheiro, joueuse, enseignante dans le système scolaire public municipal de Rio de Janeiro et chercheuse en éducation de l'art pour les relations ethniques et raciales en tant qu'étudiante en master dans le programme de troisième cycle en arts à l'Université d'État de Rio de Janeiro (UERJ).





*Kauê et Cassiel dans
la pirogue enchantée de
la Maloca des enfants.*

Photo de Clara Almeida.

ACTIVITÉS À LA MALOCA DES ENFANTS

VIVA ESCOLA VIVA ET LES GARDIENS DE LA FORÊT

2 décembre 2023

Atelier créatif dédié à la semaine d'ouverture de l'exposition VIVA VIVA ESCOLA VIVA. Grâce aux histoires racontées par l'éducatrice Veronica Pinheiro, les enfants ont découvert le mythe de la Pirogue de la transformation. Des ateliers de dessin, de tissage, de fabrication de marionnettes et de bijoux ont été organisés, avec la médiation d'ELYRA SATERÉ MAWÉ.



Clara Almeida



Clara Almeida

TERRE VIVANTE MAXAKALI

09 décembre 2023

Une expérience d'immersion dans le monde des plantes tinctoriales, pratique qui consiste à colorer avec des teintures ancestrales. Animé par Jhon Bermond, l'atelier a permis d'articuler des souvenirs, des connaissances et des activités traditionnelles. Il y a aussi eu des histoires qui ont été racontées, une visite guidée de l'exposition et de la peinture sur tissu.



Photos d'Ericka Reis

AYAXI TAKUA: LE MAÏS SACRÉ GUARANI

16 décembre 2023

Une plongée dans le monde des mythes et de la création d'animations. Avec la médiation de Matheus Marins, du Laboratoire d'animation, les enfants ont créé leurs propres animations pour raconter des histoires en utilisant des processus expérimentaux et divers matériaux. Le même jour, a aussi été organisée une ronde des savoirs et des saveurs sur la nourriture et les affects, animée par Cláudia Lima.



Photos d'Ericka Reis

UNE RIVIÈRE, UN OISEAU

13 janvier 2024

Ce jour-là, deux ateliers ont été proposés: l'un pour regarder le ciel et l'autre pour regarder la Terre. Des ateliers de fabrication de cerfs-volants et de plantation de semis, des actions destinées à construire des dialogues entre la vie, la nature et les rêves.



DEMANDE DE PERMISSION À GRAND-MÈRE ARGILE

24 janvier 2024

« Grand-mère, maîtresse de l'argile, nous sommes venues chercher de l'argile pour notre travail ». Tels sont les mots prononcés par les femmes Tukano lorsqu'elles vont chercher de l'argile. Lors de cette rencontre, sous la conduite des céramistes Cacau Porto et Bia Jabor, nous avons échangé des connaissances et des savoir-faire sur la relation sacrée et artistique qui a lieu avec l'argile. L'atelier des enfants a été l'occasion de créer une intimité possible avec la terre. Repenser la relation avec les êtres est l'un des moyens de réduire les déchets existants dans les processus scolaires et artistiques, ainsi que d'élargir les possibilités d'implication avec la vie.



OUVERTURE, SÉMINAIRE ET CLÔTURE

Tant l'ouverture que la clôture de l'exposition ont été marquées par de beaux moments d'échange collectif – suivant la force motrice de Selvagem et des **ÉCOLES VIVANTES**, à savoir le respect de la circularité, de la diversité et de l'espace nécessaire à une écoute attentive.

Le 2 décembre 2023, nous avons célébré l'ouverture de l'exposition **VIVA VIVA ESCOLA VIVA** par une grande ronde de prises de parole et de chants dans le hall de la Casa França-Brasil. Nous avons pu compter sur la présence d'une belle délégation indigène composée de représentants des 5 **ÉCOLES VIVANTES**, ainsi que sur la participation spéciale de **MOISÉS PIYÁKO** et **AILTON KRENÁK**.



Ce jour-là, a également été organisé l'atelier du groupe Enfants et le lancement du livre *Um rio um pássaro* [Une rivière, un oiseau] d'Ailton Krenak, publié par Dantes Editora. Le film [VIVA VIVA ESCOLA VIVA](#), disponible sur la chaîne YouTube de Selvagem, montre quelques scènes de la journée d'ouverture de l'exposition.



Peu de temps après, le 4 décembre, eut lieu le séminaire *APRENDIZAGEM VIVA* [Apprentissage vivant], destiné à toute personne intéressée par la remise en question des modèles éducatifs actuels. Ce fut l'occasion d'écouter plus attentivement la sagesse des *ÉCOLES VIVANTES* présentes, ainsi que les expériences partagées par le public et les questions formulées à ce moment-là réfléchissant ensemble sur les savoirs traditionnels, sur la relation entre les êtres vivants et sur la manière dont l'éducation peut inclure davantage de pluralité dans la constitution de ces récits.

[VIVA VIVA - EXPOSIÇÃO ESCOLA](#), un article de Mariana Rotili dans ARCA, donne un compte-rendu détaillé de l'ouverture et du séminaire *APRENDIZAGEM VIVA*.



Le 24 janvier 2024, notre vaisseau a viré de bord une fois de plus pour célébrer les derniers jours de l'exposition ouverte au public. Avec une visite guidée de toute l'exposition, suivie d'une discussion accompagnée de chants et animée par *CRISTINE TAKUÁ*, Anna Dantes, Leda Maria Martins, Veronica Pinheiro et Viviane Fonseca-Kruel. Au lieu d'une clôture, ce que nous avons créé ensemble, ce sont de nouvelles conversations et de nouvelles ouvertures. Les *ÉCOLES VIVANTES* débarquent de la Casa França-Brasil et poursuivent leur chemin, revigorées.

[UMA CIRANDA ENTRE MEMÓRIAS](#) [Une ronde entre les mémoires], un article de Daniel Grimoni, nous parle de la visite guidée et des conversations du 24 janvier.



ENREGISTREMENT CYCLE DU SOLEIL

Dans le cadre de la venue des invités à Rio de Janeiro pour l'ouverture de l'exposition *VIVA VIVA ESCOLA VIVA*, il fut possible d'enregistrer des récits sur le SOLEIL de chaque culture qui feront partie du nouveau cycle *Selvagem* qui sera lancé sur YouTube tout au long de l'année 2024.



MÉDIATION

Pendant toute la durée de l'exposition, nous avons bénéficié de la présence d'une belle équipe de médiateurs de la communauté Selvagem, membres des groupes Production et ÉCOLES VIVANTES.

Outre l'accueil et le dialogue avec le public, les médiateurs ont également pris des photos, participé à des visites guidées, enregistré des témoignages de visiteurs et pris soin de notre jardin de plantes enseignantes.



LE SOL DE LA CANNE

Que ressent une canne à sucre?

Que nous dirait cette voix végétale après des siècles d'exploitation?

Telles sont quelques-unes des questions soulevées dans *Solo da Cana*, un travail scénique d'Izabel Stewart présenté le 13 janvier 2024 à la Casa França-Brasil, dans le cadre de l'exposition.

Sur scène, le corps d'une femme est transformé en canne à sucre, icône de la culture mono-agro-pop, plante dont le corps a été au fil du temps tordu par les engrenages d'un système qui entretient les inégalités et broie la planète.

Izabel a intégré la canne à sucre aux côtés de plantes enseignantes indigènes cultivées par les peuples autochtones et d'œuvres d'artistes indigènes, proposant des dialogues dans un bâtiment colonial qui fut autrefois le théâtre de transactions commerciales et douanières. Sur le même sol sur lequel circulaient les marchandises et les corps asservis, ont été cultivées des invitations à l'imagination et à la pratique d'autres formes de relations entre les êtres.

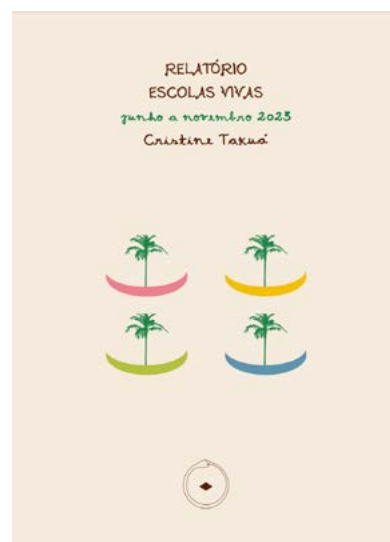
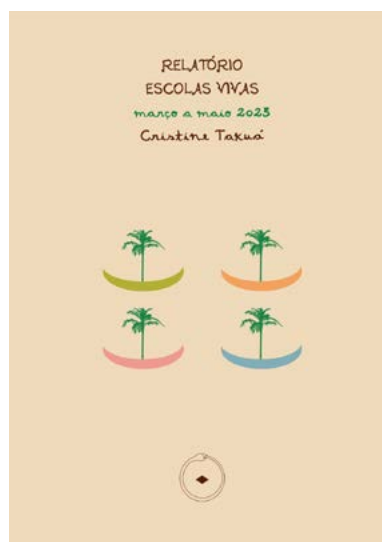
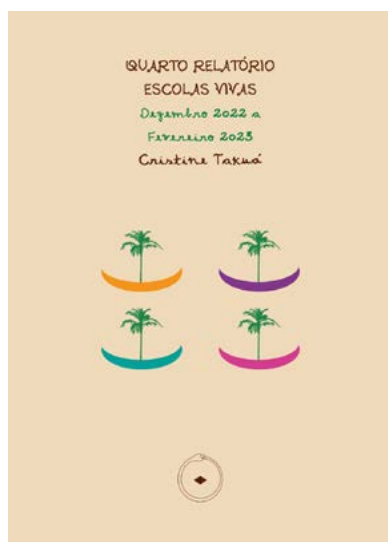
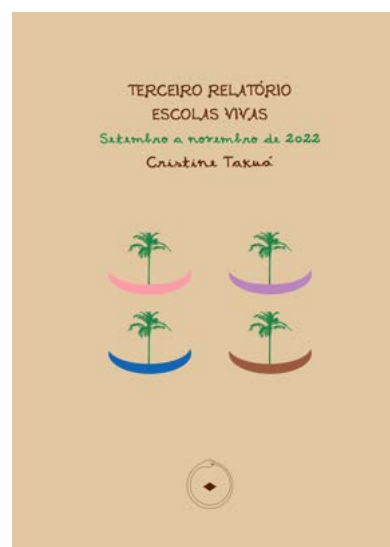
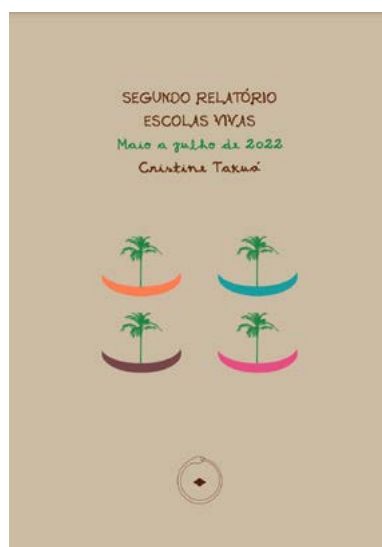
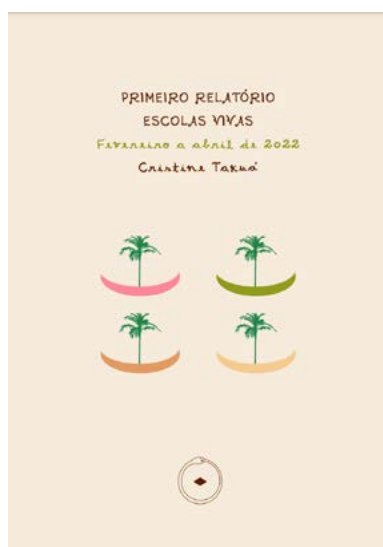
Izabel de Barros Stewart est une artiste de scène, une performeuse et une éducatrice. En septembre 2023, elle a créé *Solo da Cana*, sa première œuvre en tant que dramaturge et actrice, mise en scène par João Saldanha et produite par Renata Blasi.

Pour en savoir plus sur le spectacle, consulter l'article [A CANA EM CENA](#), publié dans ARCA.



RAPPORTS

Les rapports, préparés par Cristine Takuá et édités par Selvagem, relatent les expériences de chaque ÉCOLE VIVANTE au cours des dernières années, à l'aide de textes et d'images.



NOTES:

1. Grande maison communautaire indigène. [N.T.]
2. Grandes racines tubulaires qui poussent le long des troncs et qui peuvent atteindre jusqu'à deux mètres au-dessus du sol. [N.T.]
3. Arbre gigantesque d'Amazonie pouvant atteindre jusqu'à 90m de hauteur, dont les racines poussent jusqu'aux nappes phréatiques où elles puisent l'eau et la redistribuent à la surface, assurant ainsi un rôle central dans l'écosystème de la forêt.
4. *Xeramõi* peut être traduit par « mon grand-père ». Pour les Mbya Guarani, les leaders sont les anciens, ils sont les sages car ils ont plus d'expérience et de connaissance de la culture et des sphères de la vie. Les *Xeramõi* peuvent également être des *pajés*, qui sont les chefs de la communauté chargés de transmettre la tradition aux plus jeunes [N.T.]
5. Petit mammifère d'Amérique du Sud proche notamment des rats laveurs.
6. Un *assentamento* est, au Brésil, une « terre conquise » par le Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST, Mouvement des travailleurs ruraux sans terre) ou Mouvement des Sans-Terre, une organisation populaire brésilienne qui milite pour que les paysans brésiliens ne possédant pas de terre, disposent de terrains pour pouvoir cultiver. [N.T.]
7. Guêpe tachetée dont la femelle dépourvue d'ailes fait souvent passer cet insecte pour une fourmi.
8. Une *fazenda* est une grande propriété au Brésil. La *fazenda* est un domaine agricole de grande taille qui est consacré aux cultures ou utilisé pour l'élevage de bétail. Dans les deux cas, il s'agit d'une exploitation extensive. [N.T.]
9. Crêpes faites à base de fécule de tapioca. [N.T.]
10. Le *paricá* est un tabac à priser préparé à partir d'un mélange de plantes psychoactives, et utilisé à des fins rituelles ou médicinales. [N.T.]
11. Le *rapé* est un autre tabac à priser préparé à partir d'un mélange de plantes psychoactives, et utilisé depuis des millénaires en Amazonie, dans le cadre de rituels ou de soins. Elle est considérée comme une plante enseignante. [N.T.]
12. La *traíra* est un poisson carnivore d'eau douce. C'est l'un des poissons les plus communs au Brésil et on le trouve dans presque tous les étangs, lacs et rivières. [N.T.]
13. Du Tupi-Guarani: « heureux à la pêche et à la chasse ». [N.T.]
14. Dans les traditions spirituelles de l'Amazonie, la *pusanga* est un parfum d'attraction, un élixir d'amour. Il s'agit d'un parfum d'eau composé de fleurs, de feuilles et de racines. [N.T.]

CRÉDITS

Conception de l'exposition et coordination des Escolas Vivas | CRISTINE TAKUÁ

Direction artistique et conception graphique | ANNA DANTES

Production générale | MADELEINE DESCHAMPS

Assistante de conservation de la collection Maxakali | PAULA BERBERT

Assistants de production | DANIEL GRIMONI ET ALICE FARIA

Collaboration graphique | ISABELLE PASSOS

Coordination du groupe Enfants Selvagem | VERONICA PINHEIRO

Communication | MARIANA ROTLI

Direction financière | LUCAS SAMPAIO WAGNER

Jardin | Jardim Botânico do Rio de Janeiro

MARCUS MADRUZ, VIVIANE DA FONSECA-KRUEL ET PRISCILA COELHO

Casa de Essências | JULIANA NABUCO ET ISAKA MATEUS HUMI KUI

Collaborateurs des plantes (fumage, pulvérisation et jardinage) | JULIANA NABUCO ET
VERA FRÖES

Pirogue | AFONSO DOS SANTOS SILVA - CARPINTEIRO NAVAL

Mobilier et montage | ATELIE ARTE DE OBRA

Assistante de montage | HELOÍSA FRANCO PALMEIRAS |

URCENOGRAFIA: JAINY DE SOUSA, MARCELO JÚNIOR, VINÍCIUS DE JESUS ET BIRA

Équipement et installation lumière | DIANA JOELS ET PAULA CARNELÓS

Matériel d'éclairage et montage | ART & LUZ

Son | LF SOUND SONORISATION

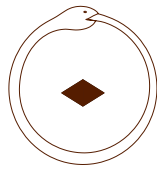
Dessins dans les textes informatifs | CRISTINE TAKUÁ

Médiation | Communauté Selvagem

ANGELA GUIMARÃES, CAROLINA LUISA COSTA, GABRIEL RUFINO, GIANA BESS,
JESSICA ORNELAS, KIM QUEIROZ, MARIANA MONTENEGRO, MARIANA LLOYD, IVY MORAIS

Photos pour le catalogue: PEPÊ SCHETTINO
(sauf celles dont le crédit figure sur l'image elle-même)

RÉALISATION:



PARTENARIAT:



JARDIM
BOTÂNICO
RIO DE JANEIRO
DESDE 1808

SOUTIEM:



Luiz Zerbini
Maura Brésil
Rodrigo Quintela
Refazenda Ewá Luzia



NOVO HUMANO



Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

Pour faire un don via Pix ou PayPal,
accédez au portail: www.gruposauva.com



PIX

email: escolasvivas@gruposauva.com

Virement bancaire international
Associação de fomento ao empreendedor
sócio cultural educacional Saúva
CNPJ : 35.423.233/0001-81
IBAN: BR720000000003010000004269201
Code SWIFT : BRASBRRJBHE

Ne pas oublier de préciser dans le champ des commentaires
que votre don est destiné au projet ESCOLAS VIVAS.

LES ÉCOLES VIVANTES
REÇOIVENT
ET DEVIENNENT PLUS FORTES



La production éditoriale des Cahiers Selvagem est réalisée collectivement avec la communauté Selvagem. La coordination éditoriale est faite par Alice Faria et la mise en page a été faite par Tania Grillo. Pour la version française, nous remercions Antoine de Mena et Christophe Dorkeld.

Plus d'informations sur selvagemciclo.com.br

Toutes les activités et le matériel de Selvagem sont partagés gratuitement.

Pour ceux qui souhaitent donner quelque chose en retour, nous vous invitons à soutenir financièrement les Écoles vivantes, un réseau de 5 centres de formation pour la transmission de la culture et des connaissances indigènes.

Pour en savoir plus: selvagemciclo.com.br/colabore

ANTOINE DE MENA

Artiste, cinéaste et traducteur franco-espagnol. Il vit actuellement à Rio de Janeiro. Il réalise un travail pluridisciplinaire: cinéma d'art, essai documentaire, vidéo, poésie, dessin, peinture calligraphique et installation. Membre du groupe de recherche Eiras-Paracambi et coordinateur de l'espace xow.rumi / Capacete (Glória – RJ).

CHRISTOPHE DORKELD

Travaille depuis plus de vingt ans dans la production de films documentaires pour le cinéma et la télévision. Français installé depuis plusieurs années dans l'État du Mato Grosso do Sul, au Brésil, il collabore également avec des communautés Kaiowá, Guarani et Terena dans le cadre de projets culturels.



VIVE VIVE!

